

A R T E D A
P I N T V R A.

S Y M M E T R I A, E

P e r s p e c t i u a.

*Composta por Philippe Nunes natural de
Villa Real.*



Em LISBOA, Anno 1615.

Prologo aos Pintores.

QUANDO aprendi estes principios, & practica da Pintura, não foy minha tenção saindo com ella a luz ensinar a os Sabios, & peritos na Arte, mas sò a os que a aprendem, & a os curiosos della. Moneume a isto ver a falta que ha de quem trate esta materia, & assi quiz dar motiuo a os que mais sabem, de sairem a luz com mais experiencias, para q̃ assi não custe tanto a os aprendises a quẽ ordinariamente os Mestres escondem os segredos da Arte, & para que assi mais depressa se sayba. Por onde lhes digo aqui breuemente o mais cõmum, & que mais comumente se costuma a vzar, porque vzando irão descobrindo mais segredos. Pera os Mestres podem seruir os principios da Perspectiua, por serem tão importantes para o bom vzo della, & juntamente a Symmetria de que hatanta falta nos liniamentos, que ainda Pintores que sabem muyto bem colorir, os não sabem, dõde vem auer tantas imperfeições nas figuras. Emmende, & acrecente quem souber, & aprenda quem não souber, & todos dem Gloria ao Senbor. Qui viuuit, & regnat per omnia sæcula sæculorum.

Louuores da Pintura.

HE a Pintura hũa Arte tão rara, & tem tanto que entender, & mostra tanta erudição que deixo de lhe chamar rara, por lhe chamar quasi diuina, & não digo muyto pois he tão rara, & excelente, que toca quasi a conhecimento diuino, ter namente tão viuas as especies das cousas, que assi se posaõ pôem practica, & Pintura que parece que lhe não falta mais que o spiritu. Testemunho

Arte da Pintura.

temunho desta verdade he aquella historia celebrada da contenda de Zeuxis, Heracleotes com Parrhasio, como conta Plinio, libr. 35. capit. 10. que pintou com tanta propriedade hum cesto de vuas, que as aues do Ceo se vinhão a ellas crydando que erão verdadeiras, & a toalha que Parrhasio pintou tanto ao natural, que enganou com ella ao mesmo Zeuxis.

Budeo in l. Athletas, ff. de hijs qui notantur infamia, diz q̄ ouue antiguamente Pintores taõ insignes, que não só fazião Iconicas imagēs, senão tambem as Ethicas. Chama Iconicas imagēs, porq̄ era costume em a Cidade Olimpia, donde se diserão jogos olimpios, que aquelles q̄ vençiaõ tres vezes a estes, lhe fazião retratos do tamanho do seu corpo, & muyto ao natural, a estas chamão Iconicas, & as Ethicas quer dizer que mostrauão ao viuo os costumes, & natureza de cada cousa.

Não sò deleyta, & agrada a os olhos a Pintura, mas faz fresca a memoria de muytas cousas passadas, & nos mostra diante dos olhos as historias muyto tempo ha acontecidas. Serue mais a Pintura que vendo pintadas as façanhas, & cazos illustres nos excitamos, & animamos para cometer outros semelhantes como se as leramos em historiadores. *S. Damascen. fidei orthod. c. 17. & S. Greg. lib. 9. Epif. q. ad Serenum Episc.* falando a este proposito diz assi. *Sunt quidem pictura in doctorum hominum libri, & scriptura, nam quod legentibus scriptura, hoc idiotis praestat pictura cernentibus: in ipsa & ignorantes vident quod sequi debeant, & in ipsa legunt qui literas nesciunt.* E isto de Saõ Gregorio *l. 10. c. 1. & 2.* & corrobora o segundo Synodo. *Niceno, act. 2. & 4.* a onde proua cõ ditos de Sanctos como a Pintura boa, & de doutos Pintores (que a Pintura roim serue de rizo a quem a vé) he mais poderosa para mouer o affecto que a historia. *S. Chrysost. orat. quod vet. & nou. test. unus sit legis-*

Arte da Pintura.

lator. Diz que teue sempre em muyta estima hũa pintura q̄ tinha colorida cō côres de cera. E S. Gregorio Nifseno, *orat. de unit filij, & Spiritus Sancti*, diz de si que muytas vezes pòs os olhos em hum paynel em que estaua pintado o Sacrificio de Abrahão, & que jà mais o vfo sem lagrimas lembrandose da historia verdadeyra. *Vidi sapius* (diz elle) *inscriptionis imaginem, & sine lacrymis transire non potui, cū tam efficaciter pictura ob oculos poneret historiam.* Ainda os Philolophos antigos para persuadirem a os homês a deixarem as dilicias, pintarão hũa taboa com as Virtudes q̄ todas estauão seruido como criadas (sendo Virgês, & muyto fermosas) a hũa Raynha muyto fea a qual estaua em hum throno alto, & muyto aparatado, & se chamaua *Voluptas* o deleite do peccado. Para darem a entender quão abominauel era aos homês seruirem a quem taõ mal o merecia, & assi quando querião reprêder quẽ não viuia bem, lhe punhão diante dos olhos esta taboa, da qual faz menção Cicero. lib. 2. de finibus, & diz que a pintou Cleantes Stoico. Onde se podem reprehender os Hereges que pretendem tirar o culto, & vzo das imagês, & das pinturas, pois até os Antigos entendião de quanta importancia erão.

A authoridade, & estima em que se teue antiguamente esta Arte se pode ver do que diz Plinio. lib. 35 à cap. 1. vsque ad decimum. De Phamphilo refere que jà mais quiz insinar o discipulo que lhe não desse dez annos, & hum talento attico q̄ agora em nossa moeda he seys centos cruzados, tudo isto lhe deu Apeles, & Meláthio por serem seus discipulos, & com o exemplo de tan grandes Mestres procedeu em Sicyone Cidade antiquíssima jũto a Corinto, & celebrada pela imagẽ da occazião q̄ fez Lisippo depois em toda a Grecia, q̄ os moços antes de saberẽ algũa Arte os insinauão a debuxar e taboas de buxo
que

que para isto tinhaõ concertadas ao modo que hoje cultumaõ os Otiues in finar aos que aprendem o officio, & tudo isto era para effeito de fazerem, que esta Arte tiueffe o primeiro lugar entre as liberaes, porque sempre foy tratada de excellentiſſimos engenhos.

Tenhaõ os Pintores lugar muito honrado (*diz F. Patricio, de instit. Reipub.*) Porque com a honra d'elle se animem a procurar mayores honras, & assi dem tambem animo, aos que ouuerem de aprender tal Arte, como diz o Poeta, *honor alit artem, &c.* Não se pejou, nem enuergonhou aquelle grande Fabio Patricio Romano, do qual se dizia, que vinha por linha direita do grande Hercules, não se desprezou de a aprender, & vzar, & tanto que della tomou o sobre nome, chamandose Fabio Pictor. Nem a desprezou Marco Antonio Emperador doctiſſimo, pois a aprendeo & exercitou com o Pintor Diogenes. Tambem lemos de Plataõ, que nella se exercitou, & foy curioſiſſimo della. Cicero diz della que sempre lhe foy afeiçoado. Alexandro a louua grandemente, & manda q̃ os moços se dem a ella, & a aprendaõ. O glorioso S. Lucas nella se exercitou, &c. Serue esta Arte a Escultura, & Celatura, & Architectura, que sem ella se não pode dibuxar nada.

Quais foffem os primeiros Pintores, & de quais foraõ as obras antigamente mais estimadas, se pode ver em Plinio no lugar assima alegado, des do primeiro capitulo, atè os onze. Os primeiros que começaraõ a vzar hũa sã cor com que pintauaõ, que a natureza lhe ensinou sem arte, foy Polignoto, & Aglaophon, antes destes ouue ourros, dos quais se não diz bê da sua pintura, pois era necessario por hum letreiro sobre o que pintauão para se diuizar que coufa era, porque pelas sombras que as coufas faziaõ, por ali debuxauaõ, destes foy hum delles

Arte da Pintura.

Canacho, & hoje pode fer aja muitos. Tambem ouue outro chamado Calamidès, do qual diz Cicero, que ja pintaua melhor que Canacho. As pinturas de Mioron, ja hião sendo melhores: & dahi por diante sempre foy melhorando a Arte atè o tẽpo de Prothogenes, Aetião, Nicomacho, & Apelles, & acabaraõ de perfeiçoar a Arte segundo lhes parecia, ainda que depois se acharaõ, & inuentaraõ muitas cousas, porque Zeuxis. & no mesmo tẽpo Parrhasio (que viueraõ no tempo de Socrates) muytas cousas acrescẽtaraõ à Arte, porque à Zeuxis atribuem os claros & escuros, & as luzes nas figuras, & foy tanto o que ganhou com suas pinturas, que já as naõ vendia, mas as daua, dizeudo que naõ auia preço igual a ellas, & fez o seu nome de letras de ouro, que pôz na cidade de Olympia çeleberrima, por ser frequentada de todos os bons engenhos. Parrhasio foy o que lançoou as linhas futilmente, & ajuntou à pintura certas cousas de Geometria, & foy o primeiro, que deu à pintura a Symmetria, ainda que Plinio diz foy Polycleto, que saõ as medidas, & cõmensuraçoens, & foy o primeiro que deu a perfeiçoã aos cabellos, & á boca, & nisto leuou a palma a todos. Entre as suas obras de fama, foy o Archigallo, q̃ era o principal dos Sacerdotes de Cybeles de quem diziaõ que era a grande mãy dos Deofes, pintura taõ estremada, que deu por ella o Principe Tiberio seiscentos sestercios, q̃ em nossa moeda he perto de mil cruzados.

Tambem Aristides Thebano foy Pintor insigne, & igual quasi á Apelles, como diz Plinio. Este foy o que de hum certo modo daua vida à pintura, porque nella estaua declarãdo todos os sentidos. El Rey Attalo teue hũa taboa sua que comprou por çem talentos. E Cesar dictador teue duas taboas do mesmo official, que lhe custaraõ oitenta talentos.

Philip-

Philippe Macedonio, & seu filho Alexandre muytas vezes se achauão na tenda de Apelles , pela grande recreaçã que tinhaõ, em ver pintar, & por tanto floreceo esta Arte tanto em seus tempos. De Apelles diz Plinio, que não lauraua mais, que com quatro cores sômente, & o mesmo Alexandre Magno mandou, que nenhum Pintor ô ouzasse retratar, senão só Apelles Deste diz Plinio muytas coufas. Não foy menor Thimantes na pintura de Iphigenia , que pintando a todos tristes , pintou a Agamênon pay della com a cabeça virada , pela grande tristeza , que se diuizaua mais nelle, que nos outros sendo assi, que a todos pintou tristíssimos.

São os Pintores de jure priuiligiados , & pelo conseguinte nobres. Text. in leg. Archiatros. C de metatis. lib. 12. E esta Arte , como tendit ad ornatum Ecclesiæ, sempre se pode exercitar, ainda que ajã prohibições, como diz *Bart. in leg. prima. ff. nequid in loco sacro fiat.*

Valentiniano, Valente, & Graciano Emperadores priuiligiaraõ aos Pintores , *leg. Pictura. C. Theod. de excusat. artificum lib. 13. Pictura professores , simodo ingenui sunt , placuit nec sui capitis censeantur , nec vxorum aut liberorum nomine tributis esse munificos , & nec seruos quidem barbaros in censuali adscriptione profiteri, &c.*

Os professores da Pintura, sendoliures, & filhos de liures, auemos constituydo , que não sejaõ empadroados por tua cabeça, nem que em nome de suas molheres, & filhos estejaõ sogetos aos tributos , que não sejaõ obrigados a registrar seus escrauos barbaros no registo censual, &c.

De tudo o que esta dito, se proua claramente ser esta Arte numerada entre as liberaes, porque se começamos pela diffiniçã, Artes liberaes se chamaõ, por serem Artes com que se exercita o entendimento, que he a parte

Arte da Pintura.

liure & superior do homem, ou artes dignas de homens liures, & tambem liberaes, porque só se permitiaõ a homens liures. E se ellas se chamãõ liberaes, porque nellas se exercita o entendimento; aonde entra mais o entendimento com todas suas operaçõis apprehender, cõpor, julgar & descorrer, que na pintura? he em todo Architectonica, porq̃ se estende à significar perfeitissimamente, & dar rezaõ de todas as obras que fazẽ todas as outras artes & officios. E se se chamãõ liberaes, porque só se permitiaõ a homens liures, sabemos que entre os Romanos lhes era prohibido aos nobres vzarem de Artes mechanicas, & desta vzauaõ publicamente; logo se fora mecanica não se vzara, & q̃ se vza se publicamente proua a Historia de Fabio Pictor já referida: E sabemos que a vzou tambem o Emperador Alexandro Seuero de quem foy tutor, & Mestre o mesmo Vulpiano Juriscõsulto autor desta mesma ley, & a vzaraõ outros muytos. E se se chamãõ liberaes, porque sãõ artes de entendimẽto, nenhũa das outras tem tanto que aprender, como a pintura, porque as outras em breue tempo se chega a ter conhecimento perfeito dellas: mas a Pintura por mais que se trate & curse nella, jamais se chega a penetrar todos os segredos della, como diz Quintiliano Orat. instit. lib. 12. cap. 10. E isto significaõ os Pintores quãdo poem ao pè das figuras, *faciebat, ou pingebat*, vzando deste preterito imperfeito, porque nenhum pode chegar ao preterito perfeito, porque sempre ha que fazer, & que saber. Donde vejo o prouerbio Latino, *praestat medicum esse, quam pictorem*, melhor he ser Medico que Pintor. Disõ rãõ isto pela grande prolixidade que tem esta Arte consigo, & tambem porque as faltas na Pintura logo se deixãõ ver, & na Medicina não, porque se hũ Medico acertaa cura he louuado por isso, mas se a erra, & mata hum homem,

homem a terra cobre tudo, & não aparecem seus defeitos.

Donde parece que he mais que a Medecina, porque alem das rezoins ditas, se he necessario conhecer as eruas, pedras, plantas, muito mais he necessario à pintura, pois as ha de pintar ao natural para se conhecerem, & nisto depende tambem a Medecina da pintura, & se não vejaõ a Dioscorides, que lhe aproueitara tratar de eruas & plantas para a Medecina se a Pintura não mostrara ao olho, o que a pena por si sò não podia. E o mesmo digo da Arismethica, Geometria, & Perspectiua, que parece que todas se encluem nella, & lhe são sub alternadas, nisto que he formar figuras, & dar a conhecer os pêfamentos, pois tudo vay por demonstrações, & essas não se podem fazer sem dibuxo & pintura, donde se infere, que ellas são como rudimenta, & principios, pera se conseguir perfeitamente o fim da pintura. Dõde Plinio. lib. 35. cap. 10. diz alsí falando do Pintor Pamfilo *Primus in pictura omnibus literis eruditus præcipue Arithmetice, & Geometricæ, sine quibus negat artem perfici.* E alsí os Egypcios, como refere Cornelio Tacito, libr. 11. *Annal.* primeiro declararão seus cõceitos, por meyo da pintura de animais, mas por ser couza mais facil para todos, vieraõ a vzar do debuxo & caracteres de letras.

Conforme ao costume de Espanha he liberal esta Arte, porque estando estabelicido por ley del Rey dõ Ioaõ segundo de Castella, que os Caualeiros armados pera gozar de seus preuilegios não vzassem de officios baixos, & particularizando todos, não nomea a pintura. l. 3. tit. 1. lib. 6. nouæ recop. E nas prematicas sobre trazer sedas, lib. 2. tit. 12 li. 7. torna a contar os officiaes que a não podem trazer, & não conta entre elles aos Pintores. Logo se proua bem que he contada entre as liberaes, &

Arte da Pintura.

que seja nobre não ha duuida nenhũa , porq̃ o he por todas as tres nobrezas: pela natural , porque produz grandes effeitos de virtude (porque quem ha, que vendo hũ Christo crucificado, se não compunya ? O q̃ esta prouado assim de S. Gregorio Nisseno) pela nobreza Theologica & diuina, porque produz effeitos sobrenaturais, & diuinos de piedade, caridade & religião: pela nobreza politica esta tão claro que não tem necessidade de proua. Plinio chama aos professores desta arte nobres Pintores, o qual epiteto não se concede aos que vzaõ as artes mechanicas. Chama-se nobre, porque ajuda com sua arte a encender os animos, para ganhar nobreza, nome & fama, como ja fica prouado. Galeno in exercit. ad bonas artes. Diz que se pode ajuntar às liberaes. Seneca, lib. de studijs liberalibus, dà a entender que se tinha por liberal em seu tempo. Alexandro 8. polit. c. i. & sequent. Plutarco lib. de audient. poet. & lib. de gloria Athen. & in vita Arat. Quem quizer ver mais lououres da pintura, veja Plinio nos lugares allegados. Veja F. Patricio de laude Pictorum , & Textor in officina cap. pictores diuersi, & Budæo , & muytos outros , & entre os modernos ao Licenciado Gaspar Guterres de los Rios na sua noticia geral, lib. 3, & ao Padre Frey Hieronymo na sua Repub. Gentilica, & Thomas Garçon na sua Pratica vniuersal. disc. 90. com outros, que ahy cita.

Principios da Perspectiua necessarios pera a Pintura.

PRimeiro que tratemos da Pintura , auemos de pre-supor alguns principios da Perspectiua, como cousa muyto necessaria para a Pintura. O sogeito da Perspectiua

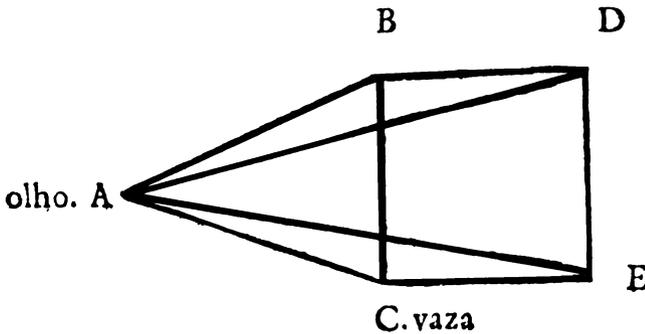
tiua são as linhas visuaes, & destas hã duas species. A primeira he pelas quais procedem os rayos direitos sem se quebrar, por meyo dos quais se faz a vizaõ direita. A segunda he daquellas linhas, pelas quais caminão os rayos, que se quebrão, ou se dobrão, por meyo dos quais se vem as cousas obliquamente. Daqui nascem duas partes da Perspectiua, segundo que ella se considera com estas duas species de linhas visuaes, & a primeira se chama *Optica*, como abaixo diremos. E a segunda se chama *Specularia*, da qual não he nosso intento trazar.

O modo de ver he de tres sortes, por vizaõ direita, ou reflexa, ou refracta. A vizaõ direita he, quando o rayo viziuel do olho à cousa vista he perpendicular, ou seja de cima, ou de baixo, ou das ilhargas, de sorte que seja o olho o centro, em respeito das mais partes: mas note se, que com hũa sò vizaõ não se podem ver muytas partes juntas. A vizaõ reflexa se faz nos corpos lizos & polidos ou por natureza, ou por arte, así como são os espelhos, onde dà o rayo, & logo vira ao olho, ao modo de hũa pela, que lançais com força a hum muro, & ella se torna outra vez a voz. A vizaõ refracta se faz quando olhamos por agoa, ou por vidro, ou por corpos diaphanos, & trásparentes: chama se refracta, porque caminando os rayos do olho à cousa vista, termina se aquelle rayo no corpo que acha em meyo, & da hy parte então com outro à cousa vista, & faz hum angulo com o primeiro, & esta declinação que faz o rayo do seu direito curso se chama vizaõ refracta.

Deuemos logo imaginar, que a cousa que queremos ver he hũa vaza de hum pyramide, a qual se forma dos rayos do ver, os quaes partem do olho, como de centro até a superficie & contorno da cousa vista. E así por estes rayos se fazem os angulos no centro do olho, pelas quaes

Arte da Pintura.

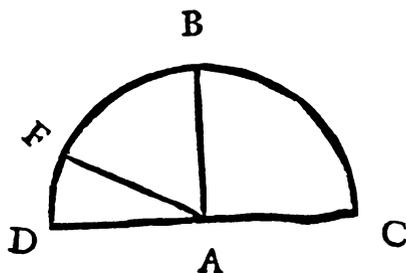
quaes são as cousas differentemente representadas. E chamão os Latinos a este ver, deste modo Prospecto, dõde vê perspectiua, & os Gregos lhe chamão Optica por ser hum ver conciderado: porque o ver simplex mente, não he outra cousa mais que receber naturalmente na virtude do ver a forma & semelhança da cousa vista: mas o ver do Perspectiuo he hum ver conciderado, & aduertido, porque não somente vê naturalmente, como o simplex ver, mas concidera, & buíqua o modo como fevé, & assi vê que da cousa vista vem os rayos ao olho de todas as suas partes que são vistas, porque não se podendo ella toda ver, mal podem de toda ella vir estes rayos ao olho, de sorte que este ver he por linhas direitas. E nenhũa cousa viziuel se vê toda juntamente, como se vê no exemplo que não vê o olho juntamẽre, B. C. D. E. E assi serue tambẽ de proua para o mais que já està dito.



Segundo principio.

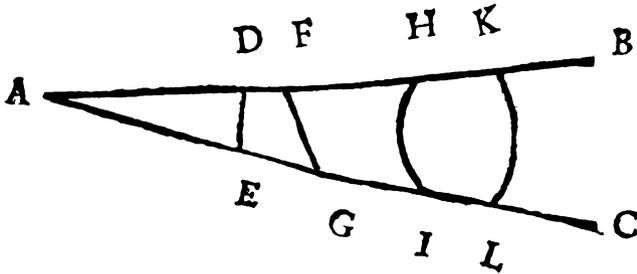
Neste segundo principio se trata da medida dos angulos que disemos faziaõ os rayos vindo da cousa vista ao olho. E digo que a medida dos angulos se tira das partes

partes da circunferencia, que fãõ comprehendidas, daquelas linhas que fazem os angulos. Exemplo.



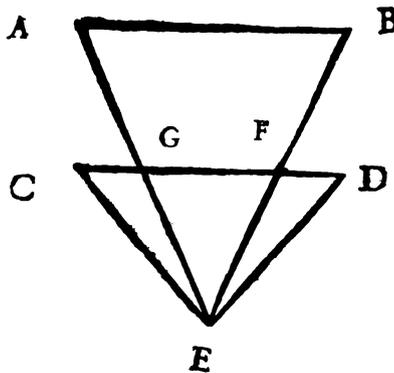
As linhas que fazem o angulo BAC . o qual he angulo recto, abração mayor roda do meyo circulo DBC . do que abraça o angulo estreito BAE . por onde o angulo BAC . he mayor que o angulo, BAE . & côseguintemente muito mayor que o angulo, FAD . & ambos fãõ angulos estreitos. Mas o angulo, FAC . que he angulo largo, ou obruzo he mayor que todos os mais, & a razão he, porque abraça mayor circunferência que os outros. Presuposto isto, digo agora, que aquellas cousas que se vem debaixo de angulo igual, que parecem iguais, o que se vé na figura seguinte.

Arte da Pintura.



O olho he o A. os rayos são A B. & A C. os quaes fazem o angulo. B A C. & as grandezas diuerças são D E F G H I k L. as quaes são diferentes & desiguaes, & porque são vistas em hum mesmo angulo, que igualmente serue a todas, parecem iguaes.

Outro principio. Aquellas cousas que se vem debaixo de angulo mayor apparecem mayores, o que se declara na figura seguinte.



Vedes

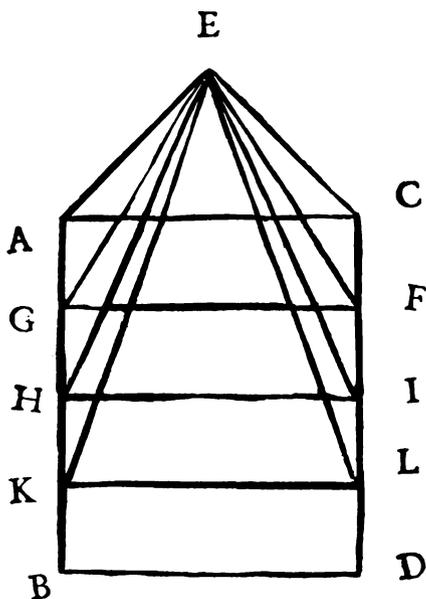
Vedes duas grandezas iguaes. A B. & C D. em diuerfos angulos, das quaes hũa apparecerà mayor que a outra, como C D apparecerà maior que A B porque o angulo de baixo, no qual se vê. C D E. he mayor que o angulo, A B E. porque como está mais perto do olho se vê mais distinctamente.

Deste modo se declara outro principio nesta mesma figura, o qual he, que as cousas que se vem debaixo de angulo menor apparecem menores. A grãdeza, A B parece menor da grandeza de C D. & a rezão he, porq̃a grandeza, A B. he vista no angulo, A E B que he menor que o angulo, C E D. no qual se vê a grandeza, C D. & pelo que assim temos dito, G F. apparece igual ao, A B. porque ambas são vistas no angulo igual.

Outro principio. As cousas vistas debaixo de mais angulos, mais certa & distinctamente se vem. Isto se vê manifestamente, porque se tomarmos duas grandezas iguaes, que entre si se jão igualmente distantes, & hũa seja mais vezinha ao olho que a outra: aquella que estiuer mais vezinha se verá em angulo mayor, que aquella que esta mais longe. Mas o angulo mayor podece partir em mais partes, que o angulo menor. Assim que a grandeza mais vezinha se verá em mayor angulo, que a que está longe, & porque o eixo, ou ponto da pyramide vizuia, a qual chega a superficiè da cousa vista, he mais breue nas cousas mais vezinhas ao olho, que o ponto da pyramide que chega às cousas vistas mais longe, por isso se segue, que as cousas vistas em mais angulos, se ve jão mais distinctas, & mais certas.

Arte da Pintura.

Exemplo.



Depois disto se deve advertir, que as linhas ou outra quantidade igualmente distante, ou alta, ou baixa, ou de lados que seja, parecerão ao olho, que querem correr juntamente, & vnirse quanto mais longe estão do olho. Vede o exemplo na figura atrás, aonde não só os lados, A B. & C D. parecerão auezinharenses, hum ao outro, cõ as partes mais remotas do olho. E. mas antes as linhas. A C G F. H I K L. & B D. farão o mesmo, assi que o B D. parecerá mais vezinho ao k L. que o k L. ao H I. & o H I. mais vezinho ao G F. que o G F. ao A C. porque o B D. se vê em menor angulo, que o k L. & o k L. do H I.

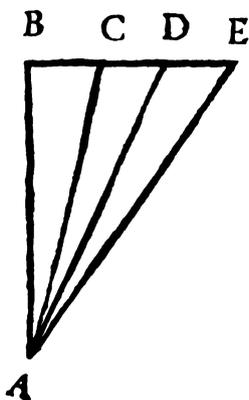
HI. E afsi o restante. Do mefmo modo as partes da linha A B. & C D. que eftaraõ mais longe do olho parecerã auezinharfe mais, que as mais vezinhas, porque os efpacos que eftão entre as partes mais remotas, parecerã mais vezinhos, porque fe vem em angulo menor. Donde vem, que fe fe puzer em perfpectiua hum clauftro com columnas cuberto, eftando o olho no meyo do edeficio, parecera que o tecto se abaixa, & o pauimento se aleuanta, pouco, & pouco: quanto mais se vay alongando do olho, & afsi a parede da mão direita parecerá, que se auezinha nas partes remotas às columnas da mão esquerda, & as da mão esquerda se auezinhão à mão direita, como se vé no Theorema. 12. de Euclides. E afsi os efpacos entre as columnas, parecerã mais pequenos, por estarem mais longe do olho, de modo, q̃ as coufas altas parecerã abaixarfe, & as baixas aleuantarfe, tudo isto nafce dos angulos, com que se vem as coufas.

Donde, quando fizerdes algũa Architectura em algum paynel, aueis de tomar o ponto do meyo da quadratura, ou circumferencia, sendo redondo, & da hy aueis de lançar as linhas direitas às partes de fora, & por onde ellas bornearem, por ahy ficaraõ lançados os filetes, afsi dos frizos altos, como dos pedastaes baixos, entendendo os das ilhargas, & não os fronteiros, que effes se lanção á vontade de quem faz à Architectura. Mas notay, que este ponto muytas vezes he necessario que se ponha a hũa ilharga do paynel, ou a onde melhor esteja, mas as linhas sempre borneaõ delle, & o vaõ buscar.

Outro principio. Entre as distancias iguaes postas sobre hũa mefma linea recta, as que se virem de mais longe parecerã menores.

Arte da Pintura.

Exemplo.

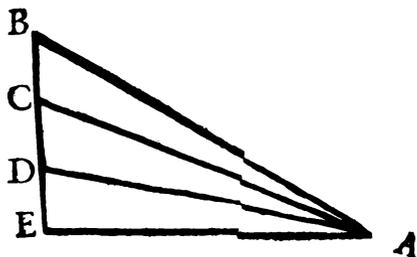


Sejaõ as distâncias iguaes BC. CD. DE. & o olho seja A. do qual saõ os rayos vizuaes AB AC. AD. AE. & esteja AB. em angulos rectos sobre BE. & porq̃ no triângulo rectangulo ABE. saõ iguaes, BC. CD. DE. serà o angulo BAC. mayor que o angulo CAD. & o angulo CAD. mayor que o angulo DAE. logo mayor parecerà BC. que CD. & CD. que DE.

Outro principio. As grandezas iguaes, que postas em hũa mesma linea recta, estão entre si apartadas, parecẽ desiguaes.

Exem-

Exemplo.



Sejão as grandezas iguaes BC . DE . & o olho seja A do qual sayão os rayos vizuaes AB . AC . AD . AE . & seja recto o angulo, BEA . logo mayor he o angulo EAD . que o angulo, BAC . & por isto ED . parecerá mayor que BC . donde se segue que as grandezas BC . DE . parecem desiguaes.

E pera que melhor se tenham estes principios na memoria os epilogeý, no modo seguinte, depois de já estarem prouados.

1 Os rayos que saem do olho vão por linha direita, á cousa vista, & entre si estão apartados com algũa distancia.

Aquellas cousas se vê donde chegão os rayos vizuais; & aquellas se não vem donde elles não chegão.

As cousas que se vem debaixo de mayor angulo parecem mayores: & as que se vem debaixo de menor angulo parecem menores.

As

Arte da Pintura.

As cousas que se vem debaixo de igual angulo parecem iguaes.

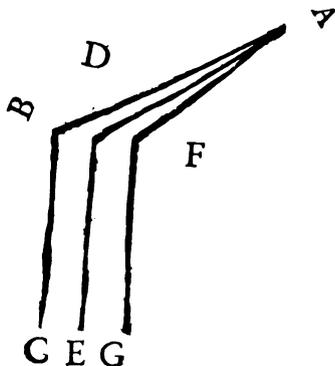
As cousas que se vem debaixo de rayos mais altos parecem mais altas : & as que se vẽ de baixo de rayos mais baixos, parecem mais baixas.

As cousas que se vem com rayos , que dobraõ mais à mão direita, parecem mais direitas. E as cousas que se vẽ com rayos que dobraõ mais à mão esquerda , parecem mais esquerdas.

As cousas que se vem debaixo de mais angulos se vem mais distinctamente.

Outro Principio.

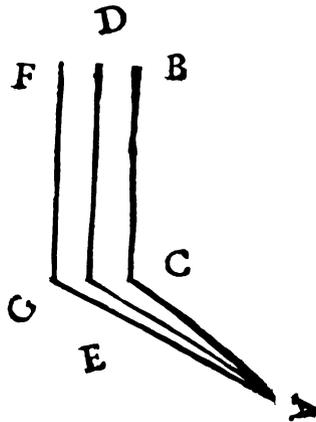
Sejão as grandezas iguaes B C, D E, F G, as quaes estejão postas debaixo do olho, A. & do olho A. sayão os rayos vizuaes A B. A D. A F. & porque A B. esta mais alto que os mais rayos vizuaes, logo tambem o ponto B. estara mais alto que os pontos D E. & pelo conseguinte tambem B C. estara mais alto que D E. & D E. mais q̃ F G. pelo que entre as grandezas iguaes postas debaixo do olho, as que estão mais apartadas parecem mais altas.



Outro

Outro Principio.

Entre as grandezas iguaes, postas sobre o olho, as que estão mais apartadas parecem mais baixas. Sejam as grandezas iguaes, B C. D E. F G. as quaes estejam postas enfima do olho A. & do olho A. sayão os rayos vizuaes A C A E. A G. & porque A G. està mais baixo que os mais rayos vizuaes, logo o ponto G. mais baixo estara que os mais pontos, & por isto F G. parecerà mais baixo que D E. & D E. mais que B C.



K

A R

Arte da Pintura.

ARTE DA PINTURA.

Pintura, como diz Plinio, he huã representação da forma de algũa cousa, lançadas certas linhas, & traças. Esta se tratarmos do modo de colorir, & tratar as cores, tem tres partes, conuẽ a saber, pintura á olio, pintura à tempera, pintura em pergaminho, que chamão illuminação, & ainda a pintura á tempera se diuide em pintura a fresco. Mas se tratarmos, quanto aos liniamẽtos & traças, he hũa só cousa, porque em todos estes modos se guardão os mesmos claros, escuros & meios escuros, ou como outros dizem, claros, mea tinta, & escuros, & em todos estes modos se guarda o mesmo dibujo, só varião no modo de colorir, porque nem todas as cores seruem bem a todos, nem o modo com que se acentaõ he comum a todos, porque differente he o olio, da cola, & a cola da goma, & olio. E porque melhor se entenda, que cousa são claros, & escuros, & mea tinta, façamos particular annotação, & depois trataremos dos modos da pintura, o que mais comumente se vza.

*Que cousa seja sombra, & lux na Pintura,
& donde se dão.*

Daniel Barbaro, tratando este ponto diz, que as sombras na pintura não são outra cousa mais, que falta de luz, porque aonde a luz dá & fere, sempre alli està mais claro, & aonde ella vay faltando, logo as sombras se vão seguindo, pouco, & pouco. E pera melhor se isto deixar entender, se adirta, que todo o Pintor, que quizer acertar, ha de ver primeiro de tudo, donde dá a luz na figura,

sevem da janella, se vem de cima, se vem de baixo, se he fronteira, se he de candeia, & se são mais luzes, porque então a mayor luz he a que se guarda. E vendo primeiro donde he a luz, verá que todos os altos da figura são claros, & nestes ao colorit se ha de pôr a cor mais clara, & logo a mea tinta, que será está clara com algũa outra que à a sombra, & nos escuros seruirá a mesma mea tinta com outra, que a escureça mais, & se for necessaria outra mais escura, para os mais fortes, aonde de todo falta a luz, tambem se lhe applicará: & para que isto melhor se entenda dá luz, se pode fazer experiencia de noite á candeia, aonde se verá claramente o que he luz, & o que he escuro: & se o Pintor guardar esta ordẽ, em breue tempo alcançará o que há nesta arte, pera saber releuar bem huã figura, & que pareça sendo pintada, que he de vulto.

Tem esta regra huã exceiçãõ, que nos corpos esphericos, & redondos não ha luz de todo clara em todos elles, bate fõ em hum ponto, & logo se vay diminuindo. assi como se vay fazendo o redondo, até que bate em hum forte, & escuro muito escuro; & a rezaõ he, porque como he espheroico vay logo a luz faltando a huã, & outra parte quando he fronteyra: mas se he de huã ilharga, daquella donde dá a luz sempre he mais clara, & dõde falta, mais escura. E porque disemos, que a pintura conta de certas linhas, & traças, será bẽ dizer do liniamento de hum corpo humano, para se verificar a definiçãõ.

S Y M M E T R I A.

*K 2**Das*

Arte da Pintura.

Das partes, em que se deuide hum corpo humano, na Pintura, & Escultura.

Symmetria nome Grego, quer dizer porpossaõ conueniente, que há nas partes, & membros humanos.

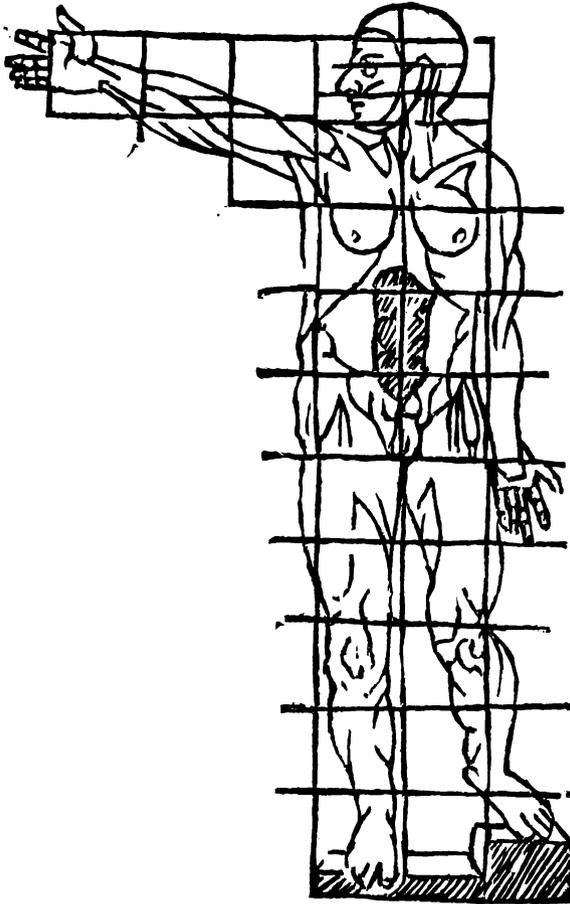
Autor della (como diz Plinio, *lib. 32. cap. 8.* foy Polycto. Trátaraõ desta arte Alberto Dureiro, em quatro liuros que compos de Symmetria. Ioaõ Darfe no liuro que fez de Geometria, Daniel Barbaro na oitaua parte de sua prespectiua, *cap. 1.* Vitruuio, *lib. 3. cap. 1.* E o que delles tirey mais necessário, he o seguinte.

Symmetria de Ioaõ Darfe.

Terà toda a figura dez rostos. O rosto se entende, do nascimento do cabelo da testa, até a ponta da barba, & não se conta mais hum terço que vay por cima da testa. Destes dez rostos, os cinco primeiros chegaõ até o nascimento das pernas, & os outros cinco vaõ até a planta do pé. De largo tem dous rostos de costado a costado, & faem os hombros de cada parte hum terço. Cada braço tem de cõprido quatro rostos até a ponta do dedo mayor, começando do souaco, por onde fica, que estendidos os braços ficaõ os dez rostos, com os dous que hà de costado a costado. Do imbigõ até a ponta do dedo do braço estirado, vem a fazer na ponta do dedo polegar do pé hum redondo perfeito. O pesçoço tem dous terços de rosto em largo, & em comprido hum terço, des da orelha até a garganta. A orelha tem a altura do naris. Da ponta do cabello até a sobrançelha tem hum sexto. Da sobrançelha até a maça do rosto tem hum
sexto,

sexto, que tem de alto cada olho, & neste direito fica o ouvido. Do naris à boca hà hum terço de terço. Da boca á barba hà dous terços de terço.

Exemplo.



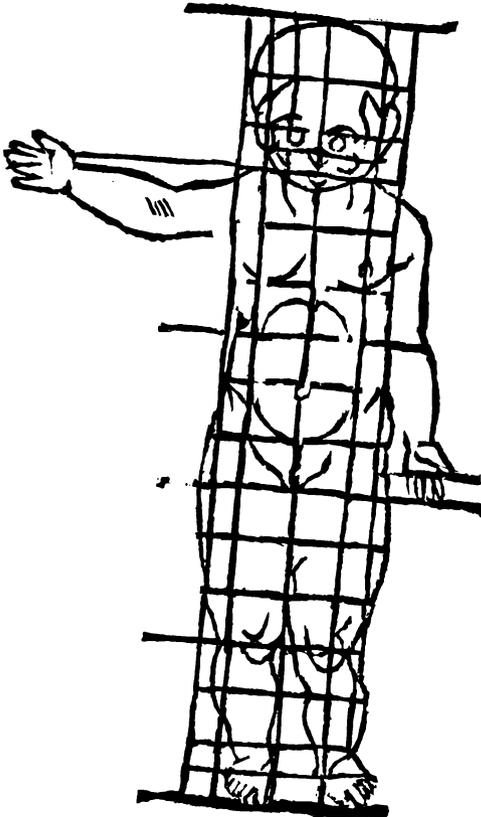
Arte da Pintura.

Nos rostos , & porporção das mulheres se guarda a mesma medida , que nos homens (diz o mesmo Autor) tirado, q̃ a testa será descuberta, & liza , & os olhos mais desviados, de maneira, que haja entre hum & outro hum sexto até os lagrimais. Seraõ grandes, mas não muy abertos , & as sobrançelhas não muito largas. O naris não seja delgado, nem agudo na ponta, nem rombo , se não em meio. Os beiços apertados sem fazer força. As faces redondas, sem que mostrem osso. O rosto mais cõprido que largo. Os peitos desviados, que entre hum & outro fique hum espaço. O alto do corpo, como já disse , tem dez rostos, & não mostra osso nos membros. As ancas & a barriga he mais crecida que nos homẽs. As pernas grossas que vão adelgaçando até fazer o pè pequeno, cujos dedos & forma haõ de ser carnudos, & os braços, nem mais nem menos grossos, a par do hombro , & que vão adelgaçando até o colo do braço , & as mãos carnosas, que não descubraõ osso.

Symmetria dos Meninos.

A porporção dos meninos de tres annos (diz o mesmo Autor) tem cinco rostos. Hum da barba até o alto da cabeça, os dous no corpo, & os outros dous nas pernãs. Cada hum destes se deuide em tres terços; da superficie da cabeça à ponta do cabello hum : dahi às sobrançelhas outro, & ao comprimento do naris hum sexto, & outro se dà à boca, & barba diuidido em tres partes. Da barba aos peitos há dous terços, & da hy ao nascimẽto das pernas há hum rosto, & hum terço. A palma da mão tẽ hum sexto, & os dedos outro, & vem a ser toda a mão de hũ terço. Do colo do braço ao cotouelo ha dous terços , & da hy outros dous ao louaco. As coixas de largo tem hũ terço

terço & sexto. A carne serà roliça & branda, & não mostra osso nenhum, senão hũas arrugas fundas, & pelo alto muito carnosas, & destas estã hũa em cada coixa ao primeiro terço debaixo das nadegas, & outra na curua, & outra na garganta do pè. Nos braços tem outras arrugas nos collos, & nos coteuelos, & gíolhos fazem huns buracos em que muito mal se detrimina no meyo delles os ossos daquellas partes O pescoco he de só duas arrugas, huã que vay por junto das orelhas, & outra hum quarto de terço, mais abaixo. Estes membros sãõ todos redondos, & faciles de mouer. Exemplo.



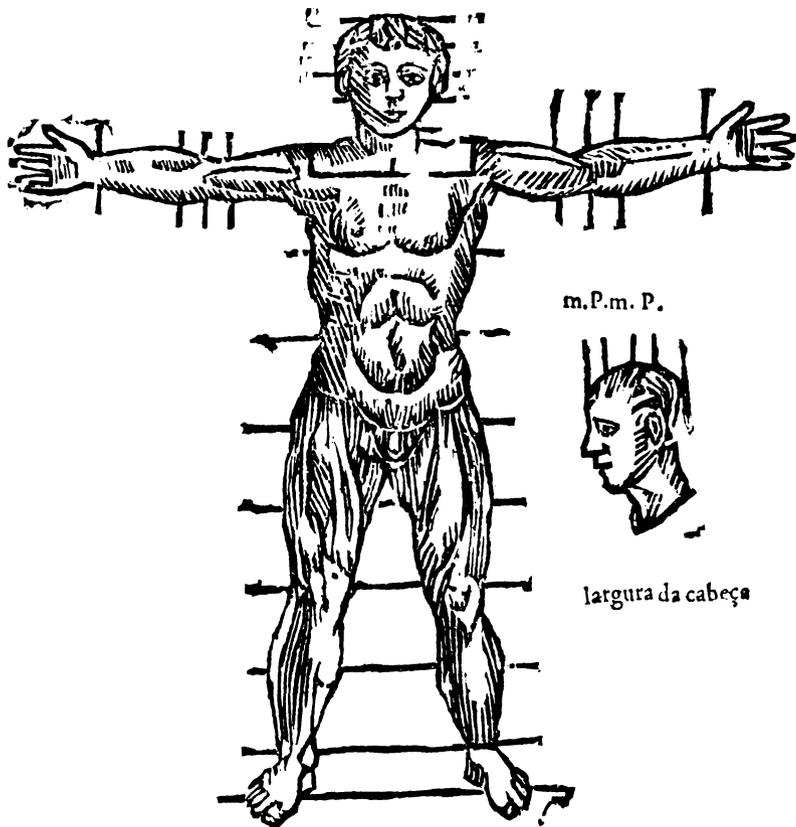
Arte da Pintura.

Symmetria de Daniel Barbaro.

Daniel Barbaro no lugar acima alegado, vza de outro modo de liniamentos do corpo humano, & mais faciles & são os seguintes. Hum rosto reparteo em quatro dedos polegares, chama dedo polegar, da ponta da unha do polegar até o nó do nascimento do mesmo do do. Destes dá hum ao cabello, do alto até o descobrir da testa. Da hy outro até o alto das sobrançelas: Da hy outro até a ponta do naris, & da hy outro até a ponta da barba. Da hy até o nascer das tetas da hum rosto. Da hy ao alto do ombro outro rosto. Da hy ao meyo das coixas outro rosto. Da hy ao meyo das rodellas dos gijolos outro rosto. Da hy ao meyo das canellas outro rosto. Da hy ao alto do tornozelo outro rosto. Da hy até a plãta dos dedos polegares. Depois vindo aos braços, faz de espada a espada, aonde jogão os braços dos rostos, & da hy hum rosto, & hum dedo polegar ao jogar do cotovello, & da hy ao jogar da mão outro rosto & polegar, & da hy à ponta do dedo do meyo outro rosto. A largura da cabeça tem tres polegares na forma que está estampada.

Exem-

Exemplo.



Symmetria de Vitruuio.

Vitruuio, *lib. 3. cap. 1.* Diz que de ral modo he cõposto o corpo humano, que da ponta da barba até onde feneçê os cabellos he a decima parte do corpo. Do alto do peito onde feneçê o peçoço

L até

Arte da Pintura.

atè o cabello he a sexta parte. Da ponta da barba até o alto da cabeça oitaua parte. E da mesma ponta da barba até o mais alto do cabello a quarta parte. O comprimêto do rosto se deuide em tres partes. f. Da barba ao naris, & da ponta do naris aonde elle fenece com a sobrançelha, & da sobrançelha à ponta do cabello, em outra parte. O pé tem de altura sexta parte. Ao coteuelo a quarta parte. Ao peito outra quarta parte. Mario Equicola de alueto lib. 2. declarando em ferra ocasião a Vitruuio ajunta, que se o corpo he robusto que terá sete rostos, & se for delicado terá oito & noue. As mulheres de sete rostos o mais das vezes, & até oito. Asorelhasbẽ feitas são aquellas cujo meyo circulo he tamanho como o meyo circulo que faz a boca aberta. O naris será de largura junto á boca, quanto he o comprimêto do olho. O naris ordinariamente se faz tão comprido, como he a boca. A mão he tão comprida como hum rosto. O imbigoh e o centro do homem, porque dahy lançando o compaço aos braços abertos, vem a fazer hum redondo com os peis escanchados. Isto dizem estes dous Autores. Daniel Barbaro explicando mais a Vitruuio, diz assim na sua octaua parte. Seja hũa linha tão comprida como quereis fazer a altura do corpo, & pondelhe no alto A. & no baixo B. Logo parti esta linha em oiro partes iguaes com os pōtos C. D. E. F. G. H. I. & sopōde q̃a parte decima entre A. C. que he a altura da cabeça, da barba até o alto da cabeça: Depois tornay a partir a mesma linha em dez partes iguaes cõ seus numeros, 1. 2. 3. & c. Depois abrio compasso, quãto he a desima parte da linha deuidida em dez partes, & pondo o pé no ponto C. aonde he a barba, & voltando o outro pé para onde está o A. faço o ponto O. assi que o espaço que fica entre C. O. he a decima parte de todo o corpo, & he o espaço



ço da barba até a raiz do cabello, donde he o alto da testa. Depois parti a linha A.B. em seis partes iguais, & tomay hũa dellas do ponto O. para a parte do B. & ahy notay k. aonde seirà o alto do peito, & desta ao alto da testa aonde está o ponto O. serà a quinta parte da altura do corpo, & assi se compõe o texto de Vitruuio, q̄ diz a quarta parte. Alem disto parti o espaço entre o pōto C. & o ponto O. em tres partes iguaes, & a decima day à testa, á do meyo ao naris, a debaixo do naris à barba, & assi se reparte o corpo humano. O pè he a sexta parte da altura: & o cotouelo a quarta, pōdo o comprimento da mão. O peito cõseguintemente a quarta, comprehendendo o peito debaixo, porque da altura do peito donde está o ponto k. a altura da cabeça donde está o ponto A. he a quinta parte, & assi deste modo diui de Vitruuio o corpo humano. Até aqui he de Daniel Barbaro.

Symmetria de Alberto Dureiro.

Alberto Dureiro no primeiro liuro de sua Symmetria na figura B. segunda, me pareceo mais conueniēte, & me lhhor que todas as mais que vza. A sua repartição não se deixa bem entender, & porque claramente se veja, a porey em latim assi como está na sua tradução de lingua To desca em latim, & he a seguinte.

Ita longitudinem membrorum metieris. A sincipite quod bregma dicitur vsque ad mediū iuguli summitatem vna pars esto decima, & vna vndecima. Ad summos humeros duas partes. 11. Ad inum mentum vna pars. 7. Summitas

Arte da Pintura.

verticis media est inter sinciput, & frontem. A mento vsque ad radices capilli vna decima. Itanc si partitus fueris in tria aequalia spatia, primum frontem, secundum oculos & nasum, tertium os & mentum designabit. A iugulo vsque ad summum pectus vna. 30. sub alas vna. 3. Ad mammas vna. 10. Infra mamas vna 8. Lumbos dua. 11. A lumbis ad umbelicum vna. 40. Sinus coxarum vna. 30. imas coxendices vna. 10. Pudenda vna. 8. extremam glandam vna. 6. imas nates vna decima & vna 11. Ab imis natibus vbi vsque femina quasi sulcantur, id est, ad medium femur vna. 18. A planta ad imum talem vna. 28. A planta ad montem pedis vna. 10. E genu medio vsque supra illud esto vna. 21. Infra vero vna. 40. Ad imam suram exterius dua sunt. 19. Interius vna. 8.

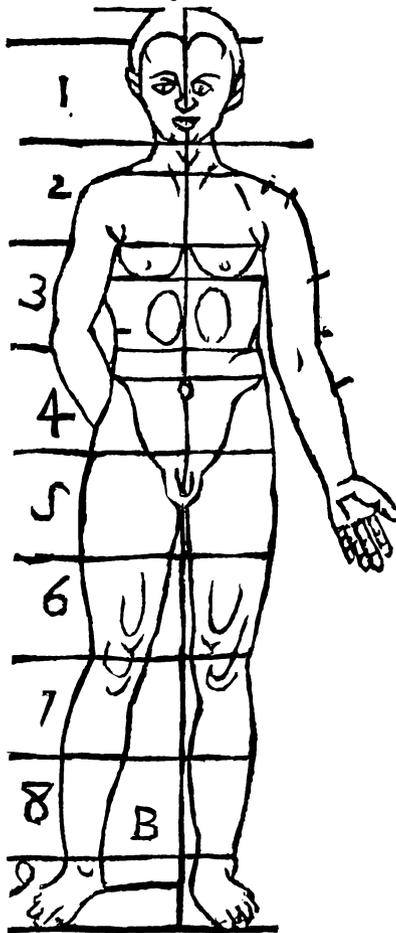
Mensura brachij.

Ab humero enim vbi illius caput ad iugulum annectitur ad cubitum vsque, dua. 11. Caterum ab humero ad imos masculos vna. 10. A cubito ad extremos vsque digitos vna 4. Ab extremis digitis ratio ad extremam manum vna. 10. Et si in vnam 9 produci non est inconcinnum si cui forte ita libeat.

Ate aqui he de Alberto dureiro. Mas eu vçando da licença que elle dá aos que quizerem repartir as suas figuras de outro modo reparto assi a sua segunda figura. Faço a figura toda em noue rostos. O primeiro da ponta do cabello a ponta da barba. O segundo da ponta da barba ao fouaco. O terceiro do sonaco ao alto do imbigio. O quarto do alto do imbigio ao baixo da barriga. O quinto do baixo da barriga ao meyo das coixas. O sexto do meyo das coixas ao giolho. O septimo do giolho ao meyo da barriga da perna. O oitauo do meyo da barriga da perna ao alto do tornezelo. O nono do alto do tornezelo à planta, com hum terço que ficou por cima do cabello fazem os noue rostos. De largura de hombro a hombro pelo perfil defora tem dous rostos. O rosto reparto assi, como o reparte Ioão Darfe. Depois dou ao pesçoço hum terço. E do alto das mamas ao baixo dellas outro terço. Da cintura ao nascer das coixas hum terço. Do alto do tornezello ao mais baixo delle meyo terço. E dahy à planta hum terço. Depois vindo ao braço lhe dou tres rostos

rostos até o colo da mão: & o rosto que fica em meyo re-
parto em duas partes, & o meyo dellas he o cotouelo,
& dou ametade para cima, & ametade para baixo. A mão
ré hū rosto, & alsi repartto tábẽ as mulheres cõ as aduer-
tências de Ioão Darfe já referidas. Não penho aqui a repar-
tição que faz dos meninos, porque melhor he a de Ioão
Darfe.

Exemplo.



Synceiput summi
vertex
frons
oculos.
nasus
os

mentum
summi humeri
juguli
pectus
ala
mamma
infra mamas

lūbi ubi cingimus
umbelicus
sinus coxarum
coxendices
pubes
extrema glās
extrema nates
medium femor

supra genus
medium genu

imū supra exterioris

imū supra interioris

mons pedis
imū tali exterioris
planta.

L 3

Nomes

Artes da Pintura.

Nomes das tintas que se laurão a olio.

As tintas que se vzaõ a olio são estas. Aluayade, Vermelhão, Verdete, Zarquão, Sinopera, Genolí, ou como outros dizem, Machim, Maficote, Sombra de cintra, ou de osso queimado, Cinzas, Ocre claro, Esmalte, Ocre escuro, Lacra, Coconilha, pretode Frades, ou Carmim, Verdacho, terra roxa, Almagra, Ialde. Todas estas se moem na pedra, saluo os azuis que são delgados, que na paleta com o olio se concertão. Depois de moydas para estarem frescas, para em todo o tempo se laurarem, se porão na agoa em suas vieyras cubertas cõ papel o Aluayade, Zarquão, Maficote, Vermelhão, as outras se cubrirão muito bem, porque lhes não entre o pô.

Modo pera aparelhar pano, & madeira pera a pintura.

Primeiramente, os payneis de pao se aparelhão na forma seguinte. Tomaraõ cola feita de baldreu, que he pelle de luvas, os retalhos dellas cosidos muito bem, a agoa que fica delles depois de desfeitos he a cola, esta que não seja muito forte day duas mãos no paynel. Depois de enxuta, tomay gesso moydo, & com a cola fazey hũa lauadura, ou agoarelha, & así day outra mão, depois de enxuta lhe tornay a dar outra mão cõ mais gesso, depois de enxuto o raspay, de modo que fique muito lizo & igual, depois lhe day hũa ou duas mãos de imprimidura, & depois de seco o tornay a correr com lixa de modo que fique muito lizo, & igual. Logo dibuxay & colori de morte cor. E notay que a imprimidura não he outra cousa mais que terra de cintra, ou qualquer outra
cor

cor baixa moyda com olio & leuarà feu sequante: & que coufa seja secante se dirà em feu lugar Os panos se aparelhaõ así. Tomay hũa grade & nella estiray o pano muito bem & o pregay, depois lhe day hũa mão de cola fraca, & depois de enxuto se for necessario outra mão de cola para tapar melhor, tambem se lhe pode dar. Depois tomay a imprimidura, & cõ a faca, ou com hũa colher de pedreiro pequenina ayde acentãdo, mas melhor he com a faca, porque leua diante de si todas as arestas que tem o pano, depois de enxuta lhe day outra mão que fique bem cuberto o pano, & depois de enxuto, o correi com hũa pedra pomes de modo que fique muito lizo, & sem nõs, logo debuxay & colori de morte cor. Chamase morte cor a primeira cor que se dà na figura, porque sempre morrẽ as cores, & así he necessario darlhe depois de bem enxuto a uiua cor, com cores bẽ moydas & boas. Outros aparelhaõ os panos difer entemẽte mas este he o melhor modo porque não quebra, nem escafa a pintura como fazem os Romaniscos que à conta de os Pintores pintarem muito mimoso fazem muito grã de codea, & logo o pano escafa com qualquer maõ tratado.

De todo o modo de secante.

O secante se faz de muitos modos, & alguns não sei uẽ fenão a certas tintas. O secante de pedra hume he tó para o jalde quando se vza a olio, & façe deste modo. Tomay a pedra hume & queimaya em hũa telha, & depois de queimada tomay aquelle pò, & misturayo com o jalde & seja de modo que não faça perder a cor do jalde, conforme a quantidade da cor podeis tomar a pedra hume. Outro secante ha para o preto, este he o verdete
fõmente

Arte da Pintura.

fômente moydo & misturado com o preto na paleta. Outro secante ha de vidro que serue para a lacra , fassê deste modo. Tomay o vidro em pedaços & botayo no fogo atè que se faça bem vermelho, & se queime bem, depois quando moerdes a lacra depois de terdes tira da toda a lacra com o colhedor da pedra naquella que ficar sem alimpardes a pedra botayo vidro já queimado & moei muito bem, & ficará já de algũ modo parecẽ do lacra, este misturay na paleta com a lacra, & he muito bom sequante. Tambem na lacra he bom sequante hũa pontafinha de zarquão. Ha outro secante de fezes de ouro para todas as cores, que he o melhor , & fassê deste modo. Tomay as fezes douro moydas, & atayas em hum paninho , & logo ponde o olio em hum pucaro a feruer & lhe metey dentro as fezes afsi no pano , como der hũa feruura tiray o olio, & de dentro o pano , & o olio que fique he o sequante limpo , este quando laurais molhai o pincel, ou misturay, & he bom sequante. E se não quizerdes cozer o olio tomay as fezes douro moydas & à noite botay em hũa vieira o olio que auéis de gastar ao outro dia, & nele botay hũs pôs das fezes , & fica este olio pela manhã muito bom sequante & muito limpo. E não façais muito, porque logo se faz graxo.

Modo de vzar o jalde a olio.

Tomay o jalde que tenha boa cor bê amarela, & dourada, & moe loeis com agoã clara muito bem moydo, depois de enxuto o tornay a moer a olio , & vzar delle tal nos claros com seu sequante como fica dito. E para as sombras vzar delle deste modo. Tomay o jalde em pedra afsi como o comprais, & queimayo no fogo em hũa colher de ferro, ou em hum testinho, & seja sobre brazas
sem

fem fumo, & como fizer fio como mel então está já queimado, depois o moei muito bem com agoa, & depois de enxuto o vza com olio por sombra do outro jalde, & se quizerdes afombrar mais, misturay he terra roxa, que tambem a sofre, & Lacta, & preto para os fortes.

Modo de vzar o Espalto.

Tomay o Espalto & pôdeo em hum pequeno de olio ao fogo, & como estiuer brando dailhe quatro voltas na pedra & fica moydo. Este se vza nos escuros dos encarnados depois da figura enxuta, como quem regraxa.

Modo de fazer verdes.

De Verdete & Aluayade se faz verde, & na paleta se concerta para os claros & escuros, & mea tinta. Outro se faz de Cinzas, & Masiquore. Outro se faz de Verdete, & Machim, ou Masiquote, & na paleta podeis fazer os claros & mea tinta, & escuros, ou ajudando com Aluaya de os claros, ou com preto os escuros. Os verdes para tẽpera & illuminação se dirão em seu lugar.

Modo de vzar o Aluayade, & Cinzas.

O Aluayade se moe primeiro muito bem com agoa clara, & depois de enxuto se moe a olio de nozes. As Cinzas se vzaõ com o mesmo olio, & para boas se hão de lauar primeiro, como diremos na illuminação aonde se ha de enfinar a lauar as cores.

As mezclas das cores como se fazem.

Primeiramente, o Rosado se faz de Aluayade & Lacta.

M O P O

Arte da Pintura.

O Pombinho se faz de Aluayade & Lacra, & Cinzas, & na paleta se vay fazendo a vontade. A purpura se faz deste Põbinho, & depois lhe misturão mais Cinzas. Dos verdes já fica dito. O encarnado se faz de Aluayade, & hũa ponta de Vermelhão. Os encarnados rusticos se fazem com Aluayade, & Zarquão, & hũa ponta de sombra de cintra. O pardo se faz de Ocre claro, & sombra de cintra. Todas estas cores serão concertadas na paleta à vontade do que as laura.

Sombras pera os rostos.

Osso queimado & moydo com agoa, & depois de seco moydo a olio he sombra para rostos mimozos. Tambem para rostos mimozos se faz sombra com Cinzas & a mesma encarnação. Tambem se faz outra sombra com Ocre claro & preto de Frandes. Também Verdacho faz muito boa sombra. Pera os rostos rusticos sombra de cintra com a encarnação que já fica dita assima. Também o preto Lapis com a encarnação faz hũa sombra graciosa para rostos mimosos.

Pera fazer olio graxo.

O olio graxo serue para pollmento, & para mordente, & fassê assi Ponde o olio ao sol até que engrossê, & faça fio como mel, & logo então está graxo, porque o ser graxo não he outra coufa senão engrossarce. Pera se fazer com breuidade, tomay o olio & pondeo ao sol em vasos pequenos para que sendo pouca cantidade mais depreça o penetre o sol, & antes de o por lhe botay fezes de ouro em pó, ou hum pequeno de Zarquão moydo, & logo se faz graxo, & ao tirar não venha misturado o Zarquão

quão scñão o olio limpo, & afsi o vzay no polimento.

Como se faz o polimento.

Tomay o Aluayade muito bem moydo com agoa, & depois de enxuto o moey com olio graxo muito bem moydo, & logo na pedra podeis fazer o encarnado como vos parecer. Tereis a figura aparelhada como se cufuma, digo engeffada pulida & imprimada, & os encarnados dados cõ encarnação leuc, para que depois asentebem o polimento. E quando asentardes o polimento que ficarà sobre o grosso como maça o asentay cõ hũa brocha afsi rudemente, depois para o pulir tereis hũtes de couro de luuas muito delgado demolho em agoa, & fazendoo a modo de dedo de luua no mesmo dedo, ireis estendendo a tinta ou polimento, & afsi o ireys polindo, & quando o couro pegar molhay com cospinho leuemente, & com o mesmo olio tereis moydo o Vermelho com hũa ponta de Laca para dar nas faces, & na boca, mas aduerti que sempre o beijo de cima ha de ser mais vermelho. Depois abri os olhos ao pinzel, & as sobrançelhas.

Para purificar olio de linhaça pera o Aluayade, & azuis.

Tomay olio de Linhaça, & pela manhã lhe day hum olho de sol, & logo lhe botay hum pequeno de Aluayade moydo & deixayo afsi estar atè o outro dia, & entã o vzay. De outro modo. Tomay hum vazo que seja furado por baixo com hum torno delicado que se possa tapar & destapar, botailhe o olio com agoa da fonte, & batey isto

Arte da intura.

muito bem & deixay afentar o olio qũe fique por cima como azeite, depois leuemente tiray o torno que say a agoa, & tanto que comessar a sayr o olio fechay, & isto fazey tres ou quatro vezes & ficarà o olio muito purificado, & que se possa vzar muito bem. Quando quizerdes fazer Aluayade que se possa vzat como com olio de nozes, moei o Aluayade na pedra muito bem com agoa & depois lhe botay o olio de Linhaça, & vereis, que indo moendo, a agoa se vay saindo para fora, & fica o Aluaya de sô com o olio que pareçe purificado.

Modo de regraxar.

O que quizerdes regraxar fareis primeiro com branco & preto, mas os altos sejão bem brancos, & os pretos bem pretos. Depois de enxuto & seco tomay o Verdete muito bem peneirado & moydo a olio, & podeis regraxar deste modo. Tomay hũ pano de linho muito brando, & pondelhe hũ pequeno de algodão, & depois fazey hũ modo de pinzel de sorte que fique o algodão de dentro do pano, & que não rosse a pintura, & assi ide estendendo o Verdete, que logo vereis os claros em verde claro, & os escuros em verde escuro. O mesmo se faz tambem com a Laca. Mas aduitti que leue seu sequante para que enxuge depressa. Podeis tambem afentar a tinta ao pinzel, que seja algum tanto rala, & depois com hũa brocha grande soluer tudo muito bem que fique bem vnido.

Modo de fazer Cambiantes.

Os Cambiantes se fazem de muitos modos. Hum del he fazer os altos de Maficote, & a mea tinta de roza-
do,

do, & os escuros de Laca. Doutro modo. Os altos de rozado, & a mea tinta de putpura clara, & os escuros de purpura escura. Outro modo. Os altos de rozado, & a mea tinta de verde claro, & os escuros de verde escuro? & assi se podem fazer quantos quizerem com duas tintas, a mais clara nos altos, & a mais escura fazela clara para mea tinta, & deixar essa mesma escura para os escuros.

Azul Ultramarino como se laura.

O azul Ultramarino, como he tão caro não se vza muito, & pot tanto se não sabe o vzo delle tão facilmente. Quem o quizer vzar ha de laurar primeiro as roupas, ou o que quizer com azuis de Castella, Cinzas & depois de enxuto ha de laurar por cima o Ultramarino, que como he muito delgado se se vza sò não cobre bem, porque não tem corpo.

Como se faz mordente para dourar.

Tomay as cores baixas que quizerdes muito bẽ moydas a olio, & depois tomay em hũa colher, ou pucaro o olio conforme á quantidade que quereis fazer, & botãdo dentro as tintas muito bem moydas poreis ao fogo o pucaro atè que se coza bem, & se lhe botardeshum pequeno de vernis tanto melhor, depois o guarday, que quanto mais velho melhor he. Tambem se faz das sobras das tintas da paleta, & daquellas peles feruidas em olio & coado por hum pano grosso. Quando tratarmos dos modos de dourar, la trataremos como se poem o Mordente, & aonde.

*M₃**pera*

Arte da Pintura.

Pera perfilar.

Depois de terdes debuxado o que quereis, costumase a perfilar, principalmēte os encarnados cō sôbra, & hũa migalha de preto, & outra de Lacra ou Cochonilha.

Quando se ouuer de fazer algum passamane que pareça de ouro se perfilara primeiro todo o debuxo cō Almagra & Zarquão, & depois de enxuto ò retocarão cō Mafiquote dourado nos altos, & aonde dà a luz.

Pera fazer hum veo branco que cubra cabellos, ou o que quizerem depois da figura enxuta a banhay cō olio & alimpay brandamente, depois ide perfilando o veo cō branco, & com hum pincel seco ide soluendo, & aonde for necessario retocar com mais branco se pode logo retocar.

Pintura á tempera.

A Pintura à tempera não se differença da Pintura de olio mais que em ser a cola, & em algũas cores que se não vção a olio, como he verde bexiga, & outro verde escuro de Anil, & Ialde, & ainda o montanha. Differença se rambem no aparelho, porque não leua imprimadura, & para que se veja o modo de vzar as cores ponhamos o aparelho que se costuma a vzar.

Como se aparelha o pano, ou madeira.

Tomay o pano, & pregayo em hũa grade muito bem estirado, depois lhe day hũa mão de cola, naõ forte, nẽ muito branda se não que cubra dalgum modo, & se levar hum

hum pequeno de aluayade, como lauadura, ou aguarella ficara melhor, logo debuxay & colori com as cores que quizerdes. A madeira se conferta, nem mais, nem menos afsi como diçemos para pintar a olio, sennaõ que naõ leua imprimidura sennaõ sobre o branco se debuxa, & quando colorirdes o pano aduerti, que se depois de enxuto for necessario realçar, que para o pano tomar bem a cor que lhe tornais à por, que o molheis leuemente pelas costas, que entaõ se vne húa cor com a outra muito bê: afsi como tambem quando pintais a olio, & quereis por algũa cor que fique melhor auéis de esfregar à parte que quereis realçar com hum pequeno de olio, porque tambem afsi fica vnido.

*Modo que se ha de guardar no campir
do paynel.*

Primeiramente depois de coloridas as figuras que ou uerem de estar no paynel se começataõ os pertos, & logo os longes, & logo o Orizonte, & os ceos. Nesta forma. O primeiro monte, que saõ os pertos se custumãõ a fazer com branco & Ocre, escuricidos com roxo, ou sombra de cintra, os fottes mais escuros com sombra de offo, os altos se podem realçar com Masiquote misturado com branco aonde dá a luz. As cidades encarnadas realçadas com branco aonde da a luz; escurecidas com preto. ou pardo, & roxo misturado tudo.

O segundo monte será de verde claro escurecido cõ verde mais escuro, ou com purpura, que he a Sinopera misturada com azul, & branco. As aruores do segundo monte seraõ azuis, os realços verde claro. As cazas de purpura clara escurecidas cõ outra mais escura. As janelas & portas de purpura bem escura.

O ter-

Arte da Pintura.

O terceiro monte será de azul & branco realçado cõ algum verde bem claro, escurecido cõ purpura clara, as aruores seraõ de azul & branco muito claras, & afsi hão de ser as cazas bem realçadas com branco.

Nos ceos será o Orizante de Maficote, & branco, ou com Sinopera & branco bem claro, logo azul claro tudo banhado como que naçe do Orizante, logo outro azul mais escuro, que naça hum do outro. E as nuues seraõ de branco, & cõ purpura escurecidas. Isto he o mais comũ agora fica ao aluedrio do Pintor pintar as nuues, & tudo o mais como o melhor lhe parecer.

As aruores do primeiro monte se hão de meter primeiro de preto escuro, & logo suas folhas escuras pela banda de fora com verde & sombra de osso, outras folhas secas de Machim por fora com roxo almagra. De pois desta aruore seca será banhada toda com verde, & logo lhe faraõ hũas manchas nos altos com verde & branco, & enfima deste verde & branco vaõ abrindo as folhas com branco, ou Maficote, ou cõ outro verde & branco mais claro. E isto he o comum.

Modo do colorir em comum.

A ordem que se guarda ordinariamente he esta. As encarnações, branco com hũa ponta de Vermelhaõ, & outra de Lacta, as sombras à mesma encarnação cõ qual quer das sombras que já ficão ditas em seu lugar, & aonde ouuer de ser escuro a mesma sombra scrue ao aluedrio do Pintor. As encarnações robustas Zarquaõ & branco, ou roxo & branco, as sombras todas saõ hũas. Os cabellos Machim & branco escurificados cõ sombra de osso & Sinopera, realçados com a mesma encarnação, ou tambem pretos & realçados cõ a mesma encarnação,

ou

ou de sombra ou de Ocre escuro, conforme à figura que se pintar, porque os cabellos huns são mais dourados ou pretos menos, outros pardos, &c.

As roupas vermelhas, branco & Sinopera escuricidas com Sinopera tal, os mais escuros com Sinopera, & sombra de offõ tudo misturado. As roupas azuis com Cinzas & branco os claros & escurecidos com azul, & os mais escuros com purpura tal. As roupas amarelas, os claros com Maficote & branco escuricidas com Rosado, & os mais escuros com Lacra tal, como se vio já na anotação dos cambiantes. A cola com que se vzarem estas cores não seja muito forte, nem tambem tão fraca que tudo se despegue senão em meyo. Este modo de colorir serue tambem para todo o modo de pintura.

PINTURA A FRESCO.

A pintura a fresco não se differença dos outros modos mais que em não se vzarem nella todas as cores, & mais no modo de as acentar. As cores que nella se vzão, são Ocre claro, & Ocre escuro, sombra de cintra, terra roxa, Almagra, pretos ordinarios de Lapis, Esmaltes, Verdemontanha, Verdacho, de sorte que se não vzão mais que as cores que são de terra, ou de area, ou vidro, mas as compostas não. Todas estas cores ao acentar não leuão cola, nem goma, nem algũa liga, somente a cal sobre que se acentra, isto se entende nas tintas que não vão aclaradas, senão afsi como se moem, porque quãdo vão aclaradas serue então a mesma cal muito bem moyda, & se vza della como se fora Aluayade, & ella he a mesma liga: & que cal seja esta que serue, se dirà logo a baixo em seu lugar. O esmalte quando vay sô, & o Verdemontanha, concertanse cõ leite de cabras, ou outro qualquer;

N

& se

Arte da Pintura.

& se vão aclarados leuaõ cal & não tem necessidade en-
taõ de leite.

A pintura se faz em acabando logo de guarnecer a pa-
rede em fresco : & as cores se acentão muitas vezes até
que fartem bem a cal. E notay que se não ha de guarne-
cer a parede mais que aquillo que podeis pintar antes
que ella se seque, & se não poderdes pintar tudo o que es-
tã guarnecido, & se ha de sequear, auéis de botar a baixo
tudo o que se não puder pintar em fresco, & depois tor-
nalo a guarnecer quando ouuer tempo para acabar a
pintura.

Os encarnados, fazense da mesma cal & Almagra ou
terra roxa O roxo se faz de Esmalte & terra roxa. A cor
do Maficote se faz de Ocre claro, & a mesma cal, & así
todas as mesclas que se costumão nas outras pinturas.
A cal que seruit por Aluayade ha de ser moyda. O de-
buxo ha se primeiro de fazer em hum papel do tama-
nho do paynel, & então se ha de piquar para se estrezir,
que se faça a pintura mais certa & com mais breuidade.
Os pinçeis hão de ser de sedas compridas, & pouquo ata-
das para que não desflorem a cal: & para as couças mais
delicadas se vzaõ os outros comuns.

A cal da pintura a fresco ha de ser velha de dous ou
tres annos ou mais; & ha de estar todo este tempo sem-
pre em agoa, como se faz a que serue no estuque. E ha
de leuar area de rio, ou de agoa doce peneirada. E a agoa
com que se amaçar ha de ser agoa de fonte que não seja
falobra nem salgada & serà tanto de cal como de area,
ou duas partes de area & hũa de cal. A outra cal da pri-
meira guarnição do imboçar, serà da outra cal comũa
com area, ainda que seja mais grossa, & tambem meada,
& depois do imbocar se poem logo a primeira cal de q̃
falamos ao modo de estuque, & se ficar parda algũ tâto
ou

ou almecegada, afsi ficarâ melhor: acabado isto se poem o papel picado, & se bota o pó de caruaõ, & pelo debuxo que fica se vay perfilando, & logo pintando: & notay que he necessario deixar a pintura sobre o escuro, porq̃ logo em se secando aclara muito.

Tambem costumão fazer a fresco de rascunho em paredes, figuras & lacarias & tudo o que querem como se vê em muitas quintas, & fazem deste modo. Guarnecem a parede de cal com preto, & depois de seca & feita toda preta dãolhe outra mão de cal a colher, ao modo do estuque, & quando se quer ir secando, ou logo em fresco vaõ abrindo o debuxo com hum prego, ou estilo duro, & vaõ rascunhando o que querem, fazendo com o rascunho amiudado os escuros como quem rascunha, & fica então aparegendo o debuxo em preto do preto que estaua por baixo. As mais lembranças que podera fazer para a pintura de fresco com o vzo se podê alcançar.

PINTURA DE ILLUMINAÇÃO.

A pintura de illumination se faz em purgaminho, & o melhor he o de Frandes respanfado, q̃ o de Castella não he bom. Nella se guarda a mesma ordem que temos dito da pintura à tempera, tirado que nos encarnados, nos altos delles ha de ficar o purgaminho tal & aquelle mesmo branco, porque de tal modo se vay apalpando com a Laca & sombra que sempre o purgaminho fique seruido com a sua mesma cor.

Arte da Pintura.

Nomes das tintas que seruem pera a illuminação.

As tintas que seruem & são melhores, são as seguintes. Branco Genuiseo he o melhor. Vermelhaõ o de feura mais comprida he o melhor. Verde terra, o da cor mais fermosa he o melhor, & seja bem delgado. Verde montanha he hum verde azulado mais delgado que o Verde terra. Azul de cabeça. Cinzas tambem azul. Ocre claro, Laca. Verde bexiga. Ocre escuro. Catafol. Anil ò de tauoleta he o melhor. Brasil. Ienolim, ou Maficote, ò de pains he o melhor. Bollo Armenico. Zarquão em torroins he o melhor. Ferrugem. Maquim. Sinopera. Carmim.

Modo como se lauaõ as tintas.

As tintas que se lauaõ & apuraõ sem se moer, são estas. Cinzas. Maficote. Aluayade. Zarquão. Tomaraõ goma Arabica de molho, & espeza como mel, & tomarão as tintas hũa por hũa, & em hũa altamia, ou qualquer tigela vidrada, & com o dedo polegar moeraõ a cor muito bem com esta goma. E depois lançarheaõ agoa clara pouqua & pouqua, & iraõ desfazendo a goma até ser muito solta. Depois em quanto se dis hum Credo a deixem acentar, & logo vazem a agoa em outra porfolana, & deixena estar hum quarto, logo a vazaraõ em outra, a qual estará compondose hũa noite toda & notese que o pé destas tintas he o que serue, tirado do branco, & Maficote, & Zarquão, que não prestaõ
mais

mais que para Pintores. Depois tomay estas por solanas & tiraylhe leuemente as cores , & guardaias , porquõ hũas são mais claras, & outras mais escuras.

As cores que se moem lauaõ & apuraõ , são estas. Azul de cabeça. Vermelhaõ. Verde terra. Depois de moydas se lauaõ , como já disse das outras , mas se jãõ muito bem moydas na pedra.

As cores que se moem com agoa de goma sem mais purificação, são Ocre claro. Anil. Bolo Armenico. Ferrugem peneirada & bem seca.

Ocre escuro. Lacra, Sinopera se moem tambem com goma, & depois lhe lançaõ hũa pouqua dagoa com hũ dedo de mel, pouqua coufa, ou asucre candil.

O Machim teloaõ primeiro de molho em ourina de moço virgem, ou sumo de lima , & com ella o moeraõ em lugar de agoa, & com goma se vzarã. Verde bexiga com agoa tal se contenta.

Como se fazem as mezclas das cores.

As mezclas se fazem assi. O Rosado com Lacra & branco, & conforme a mistura que se fizer assi ficarã claro ou escuro. Pombinho se faz assi. Tomay Lacra & brãco & Cinzas, & ide compondo o Pombinho. A purpura se faz deste Põbinho, como fica dito, & lhe lançaõ das Cinzas mais azuladas & hum pouco de brasil. Verde terra se mistura com Verde bexiga , & faz hũa cor escura serue para campos de letras. E misturado o Verde terra com Maficote faz hum verde gracioso. Tambem Verde terra com Machim faz outro verde gracioso.

Arte da Pintura.

As meſclas das molduras ſão diferentes, tomay Ocre claro com Zarquão,ou Vermelhão & ſerue para os claros,& os eſcuros ſeraõ de Laca ou ferrugem,& os realços de ouro.

Outro modo,Ocre eſcuro , & Vermelhão com hum pouquo de ouro do mais baixo miſturado tudo & acenrado,depois de ſeco ſe burnirá com o dente , & ſe pode aſombrar com Laca fina,& realçar com ouro.

Outro modo,Ocre claro com Vermelhão & ferrugẽ, & tudo mexido fica hũa mezcra boa,os riſcos ſerão pretos & ſobre elles outros de ouro,ou prata,ou branco.

Como ſe aſombraõ as cores.

Toda a cor ſe aſombra com a ſua contraria. O verde Maficote,Maquin,ſe aſombraõ com verde bexiga , ou Laca.

O Azul,Zarquão,Roſado,Ocre claro ſe eſcurece cõ Laca. Ouro com ferrugem,ou Ocre eſcuro. A prata ou branco,ſe aſombra com anil,ou ferrugem. A Laca ſe aſombra com ferrugem,& realça com branco , Maficote com azul,ou anil,ou verde bexiga. As ſombras de ouro ou prata ſeraõ ferrugem,ou Ocre eſcuro.

Os campos ſe enchem duas vezes, a primeira ves fra-ca a cor,& depois forte & groſa. O campo de ouro ſerá primeiro com Ocre claro,naõ muito forte, & logo o ouro por ſima depois da cor enxuta,& depois ſe burne põ dolhe hum papel por ſima, por ſe não deſflorar.

Outro modo das ſombras, & realços.

Vermelhão ſe aſombra com Laca, & ſe realça com Zar-

Zarquão. Azul se escurece com Laca, & se realça com Aluayade. Verde terra se escurece com verde bexiga, & o realço he Aluayade, ou Maficote. Ocre claro se escurece com Ocre escuro, & se realça com ouro. Zarquão se escurece com Laca & se realça com Aluayade. O Rosado se escurece com Laca delgada, & se realça com Aluayade. Maficote he realço do Ocre claro.

Goma, como se concerta pera illuminar.

Tomaraõ agoma Arabica (que a outra de Ethiopia, que he vermelha não presta para illuminar) & pizada hum pouquo a botaraõ em agoa que a cubra, & estará así dous dias, depois coarfeã por hum pano, & a grossa ferã para moer as tintas, & a delgada para illuminar.

Pera moer ouro pera a illuminação.

Tomaraõ hum pequeno de falcozido com forme ao ouro que se ouer de moer, & moeloã em hũa pedra muito bem moydo, depois lhe iraõ lançando os pains douro pouquo & pouquo, & indo sempre moendo por espaço de hũa hora com força. E para saber se esta já bem moydo tomaraõ hum pequeno & poloaõ na borda da altamia em agoa, & alli quando se desfaz se vê se esta já bem moydo. Depois disto tomaraõ este ouro todo, & botaloã em hũa porfolana lauando sempre com agoa clara atè que a que deitar não tenha sabor do fal que se moeo a principio. Depois de muito bem lauado se porã em hũa vieira ao ar do lume a enxugar em brazas sem fumo, & depois de enxuto vze se com agoa de goma, & do mesmo modo se faz à prata.

Arte da Pintura.

Pera fazer cor Roseta.

Tomem pao do Brasil, & raspado com hum vidro tomarão as raspaduras, & botalas hão em hũa panella vidrada, & a hũa onça de Brazil botarão seis de vinho branco, & esteja assi de molho vinte & quatro horas, & logo se potà ao fogo & feruerà atè que mingue a terça parte, & tirar-seá logo fora a panella & lancenlhe mea onça de pedra hume moyda, & para se afinar mais lancenlhe mea onça de cal virgem, ou grã em graõ, & mea onça de goma Arabica & depois de coada se pode vzar.

Pera Brasil.

Tomaraõ pao do Brasil que seja doce na lingua & faloã em rachas miudas, & botarlheão agoa em cantidade que fique tres dedos cuberto o pao, & estará assi de molho hum dia & hũa noite, & depois feruerà atè que gaste quasi ametade, & depois de frio lancẽ o pao a hũa parte que fique a agoa só, na qual botaraõ hũa pequena de goma Arabica & hũa pequena de agoa ardente, & esteja assi atè que a goma se derreta mexendoa cada dia duas ou tres vezes, & como for derretida ponhase outra ves ao fogo brando & em começando de feruer lhe botem pedra hume bem pizada pouqua & pouqua atè que faça a agoa muita vermelha, & quando já estiuer (prouãdoa na vnha) em cor de carmesim, botenlhe hũa pequena de pimenta machucada, & como feruer tirese do fogo, & coefe & guardese em hum vidro & vzeffe.

Pera catasol.

Tomem liris muito bem pizado, & ponhase em hũa ciscudela

Arte da Pintura.

85

escudela, & esteja aquella maça assi seis dias, & acabados deitenlhe pedra hume como quem salga, & esteja assi dous dias, & acabados estes dias esprema-se & molhem panos naquelle sumo & enxugense ao ar até que fação corpo, & quando quizerem obrar seja com agoa do goma.

Pera fazer verde Bexiga.

Tomarão as sementes dos espargos em Setembro, as quaes tem muita semelhança com manjarona, & esta femente será muito bem machucada, & depois tomarão pedra hume, & hũa pouca de ourina de carneiro, & espremido tudo isto assi junto por hum pano lanfaraõ o sumo em hũa bexiga de carneiro, & porseá ao fumo até que todo este sumo se seque & faça hum corpo, & depois cortay a bexiga & tiray o verde & vzayo. Outro se faz de arruda, & erua moura pizada, & o sumo botado com fel de cabrito em hũa bexiga ao fumo.

Pera fazer verde Lirio.

Colhenfe as flores do Lirio até chegar ao amarelo, & machucadas em hum gral, lhe poraõ hũa pequena de pedra hume quanto seja hũa casca de nô, & tudo isto assi será pizado, & depois esprimido por hum pano. E neste licor botay panos, & os tornay a enxugar muitas vezes para podouros, & este verde se vza sobre verde Bexiga, & faz mistura tambem com o Verde terra.

Vermelhão, como se conserta & faz.

Vermelhão he pedra que se acha em mineraes. Mão
c de-

Arte da Pintura.

o ordinario he feito por artificio, com enxofre, & azouge, & fogo. Tomase hum pucaro nouo, & nelle se bota o enxofre, & o azouge partes iguaes, & depois se barra muito bem que não saya o bafo fora, & posto ao fogo até que se incorpore hũa couza com outra por espaço de finco ou seis horas.

Confertase afsi. Tomem o Vermelhão & muito moydo com agoa o deixem secar, & lançenlhe hũa feura de açafraõ, & quando o quizerem vzar tomem o que quizerem, & desfaçano com agoa de goma, & com leyte de figueira. E se for para rabiscar lauêno como o azul, & tê peremno com goma, & leyte de figueira, & quando não quizer correr deitenlhe vinho branco, ou vinagre, ou hum pouco de mel, & quando fizer escuma botenlhe hũa pequena de cera da orelha.

De outro modo se faz. Tomaraõ a clara do ouo em hũa tigela vidrada, & esteja até que se seque, & depois de sequa se desfaça com agoa limpa, & botemna no Vetmelhaõ moydo, & vzeffe.

Goma pera o azul.

Tomaraõ hum quartilho de vinho branco em hũa vazilha vidrada, & lançarlheão duas onças de goma Arabica, & logo se cozerà pouco & pouco, até que mingue de quatro partes hũa, & depois coarfeà, & quando quizerem vzar o azul, vzarão desta agoa para o desfazer.

Como se destempera o azul.

Tomaraõ o azul em pó, & deitaloão em hũa concha em cantidade de agoa que se amaçe, & tomem agoa gomada

gomada que não seja muito fraca, nem muito forte, & lancemna no azul pouca & pouca, & da hi a hum pedaço podem laurar com elle.

Verdete, como se faz & se vza.

Laguna interprete de Dioscorides ensina a fazer Verdete, a que chama raspado nesta forma. Tomay hũa vazilha de vinagre muito forte, & pondelhe na boca (que não chegue ao vinagre) hũas laminas de cobre, & tapay logoa panella que não fique por onde respirar, & deixaya estar dez dias, depois tirayas laminas, & raspay o verdete, & tornay a fazer o mesmo. Outros tomaõ as limaduras do cobre, & com vinagre bem forte, & tapaõ a panella muito bem sem respirar, & a poem ao sol no estio, & no inuerno sobre fornos, atè que se componha hũ coufa & outra.

Pramontes o ensina a fazer deste modo. Tomaraõ vinagre forte, & de laminas de arame limpo de todo o pô, & ferrugem, oito onças de sal comum, quatro onças de rasuras de vinho tinto, duas onças de sal Armenico, mea onça, & tres onças de agoa forte & destemperada com o vinagre, & estaraõ as outras coufas todas em pô, o vinagre seja sem medida, & quanto mais quanto melhor, porque se fica sempre he bom. Tudo isto poraõ em hũa panella vidrada, & tapalaaõ muito bem & barrada, que não respire. Depois põdea debaixo do esterco por quinze dias, depois tiraya & esbarrava, & tiraylhe o vinagre pouco & pouco, tomay então o Verdete que fica em hũa caixa de pao, & tapandoa muito bem a tornay a por debaixo do esterco por oito dias, & entaõ o tiray & o vzareis deste modo.

Tomay o Verdete & desfazeyo com sumo de limão

Arte da Pintura.

deitalhe hũa feuera de açafraõ , & vzay delle.

Doutro modo. Tomay o Verdete & botayo em sumo de limão por oito dias, & botaylhe hũa migalha de goma, & depois vzay delle que fica muito bom. Os mais modos já se diferaõ na pintura de olio.

Como se faz o Aluayade.

O mesmo Laguna ensinando como se faz o Aluayade a que chama Cerusa, diz que se faz nem mais, nẽ menos, como difemos do Verdete na sua anotação primeira, se não que as laminas hão de ser de chumbo. E depois dos dez dias se destapa a vasilha, & se tira o vinagre limpo, & o pè que fica , que he o Aluayade semoe na pedra depois de seco, & se peneira, & o que say primeiro he o melhor , depois se compoem em pains com vinagre, & tudo muito bem moydo se secará ao sol, o chũbo que se não acabou de consumir se torna outra vez ao vinagre.

Como se faz o Zarquão.

O Zarquão, diz o mesmo Laguna que se faz así. Tomay hũas laminas de chumbo muito delgadas, & pondeas em hũa panella noua hũa cama de laminas , & outra de enxofre moydo, & así continuando até encher a panella, & logo pola ao fogo meneando tudo com hũa vara de ferro, mas tende os narizes tapados, porque he o vapor muito danoso. Outros em lugar de enxofre põe Aluayade, & tapão a vasilha muito bem, & sô lhe deixão hum buraco pequeno , por onde respire, & a poem no forno (& isto he o melhor) até que se queime muito bem.

Pera acentar ouro em seda, ou papel, ou purgaminho.

Tomarão clara de ovo bem quebrada , de fineo, ou seis dias que seja bem podre, & bollo Armenico, & guis mate, conuem a saber, tres partes de guis , ou gesso, & o bollo seja quanto lhe dè húa pequena de cor , & partido asy deitêno na pedra, & depois de muito bem moydo com a clara que lheiraõ botando pouco & pouco, lhe lancem juntamente hum pequeno de asucre candil, ou húa gota de mel, & húa pequena de cera da orelha. E aduirtaõ, que não seja muito basto, nem muito ralo so não em meyo, & cõ esta tinta fação as letras , & depois de enxutas bafejenlhe, & ponhãolhe o ouro & burnão logo.

Outro modo para seda. Tomay algũa tinta concertada á tempera, & com ella lauray as letras na seda , & depois de enxutas ponde o mordête pelos mesmos riscos já escritos á tempera, & como estiuer em cezaõ podeis dourar. E notay que não sayais com o mordente fora do que està escrito, porque logo repassa.

Outro modo. Tomay leite do pêde figueira em húa concha, & deitaylhe húa feuera de açafraõ, desfazêdo no leite, & cõ elle escreuey, & depois de enxuto bafejaylhe, & asentay o ouro, & alimpay com algodão.

Outro modo. Tomay gesso mate tres partes, & húa de bollo Armenico, & goma Arabica , & depois de tudo incorporado escreuey , & estando rezente para seco acentay o ouro & burni.

Arte da Pintura.

Pera afentar ouro em pedra, pao & vidro, & couro.

Pera afentar ouro em pedra , se ha de guardar a ordem seguinte. Primeiramente se ha de imprimir , & depois de seca a imprimadura se lhe hà de pôr o mordente & como estiuer em cezaõ, doutar: mas deste modo cõ a humidade da pedra nos dias de chuua naõ tem lustro o ouro , & para que a humidade o naõ penette se fará deste modo. Depois de imprimada a pedra & posto o mordente , lhe acentay folhas de estanho ao modo de quando dourais , & depois de assi estanhada lhe ponde outra vez outra imprimadura, & outro mordente, & podeis dourar, que entãõ fica o dourado com lustro , & fora de humidade , & de pois se quizerdes perfilay algũa cousa sobre o ouro , perfilay com Ocre escuro, ou com sombra.

O pao se doura de dous modos: a hum delles chamãõ ouro mate, como he o que fica assima dito , q̃ assi serue tambem no pao como na pedra , & o outro se chama ouro burnido. O ouro mate se acentra sobre o pao aparelhado como dizemos na pintura atè ser imprimada, & depois se lhe poem o mordente ; & quando está já quasi seco se lhe acenta o ouro com algodãõ. E se quizerdes fazer hum ouro muito sermoso que pareça ouro burnido , fazey que o mordente seja pulimento de Ocre claro, ou escuro , & depois de estar muito polido & lizo (quenisto está sayr o ouro bom) depois de enxuto lhe acentay o ouro que ficará muito sermoso , & tão bom como se fora burnido.

O ouro burnido se faz assi. Depois de estar o pao
encolado

encolado lhe day hũa mão de gesso comum , & seja ao modo de lauadura delgado , & se na cola lhe botardes hũa cabeça de alhos serue para que não falte , depois lhe day tres ou quatro mãos de gesso mate, o qual se faz así. Tomase o gesso comũ, & depois de moydo & poneirado se bota em hũa panella chea de agoa clara , & cada dia se lhe muda & se bate duas ou tres vezes, & aos dez dias fica gesso mate entã o tiray & sequay, & vzay delle. Depois de dardes estas mãos que digo , lhe dareis duas de bollo comum, & depois outras duas de bollo fino, & sejaõ todas estas mãos dadas com cola quente, depois de enxuto quando quereis dourar molhareis muito bem, & sobre o molhado com agoa clara acentay o ouro, & depois de seco burni com o bornidor, que se faz de pederneira muito lizo & ficará o ouro muito fermoço.

Pera se dourar o caderno de hum liuro se ha de guardar esta ordem. Tomarã hũa clara de ovo & botarlheãõ hũa gota de agoa, & depois baterãõ tanto esta clara até que se faça em escuma, depois a agoa que sayr delta escuma he a que serue. Com esta agoa cubriraõ tudo o que se ouuer de dourar, & depois de enxuta se lhe porã por cima hum toque de azeite, & logo o ouro por cima, depois com o ferro quente em forma que possa aquentar a clara do ovo, que já está seca , & depois de impressos os lauores que quizerdes alimpay com algodaõ , & só ficará o ouro aonde carregastes com o ferro. Isto se pode fazer tambem em borzeguins, & em çapatos, & em rodo o couro que quizerdes.

E se quizerdes dourar as folhas do liuro guarday esta ordem. Tomay o liuro , & pondeo na emprença muito bem apertado, depois o raspay com hũa saca muito bẽ, depois de bẽ cortado, & logo depois de raspado o burni, & acabado de burnir lhe day hũa mão cõ a clara de ovo,

como

Arte da Pintura.

como fica dito, & estando a clara ainda fresca, tomay hũ pequeno de bollo Armenico moydo , & com o dedo o ide pondo sobre a clara, & esfregando até que as folhas fiquem da cor do bollo Armenico Depois de enxuto lhe tornay a dar com a clara outra mão, & estando em cezão, & quasi enxuta lhe pôde o ouro, & depois de enxuto burni com o dente & lhe imprimi com o ferro os laoures que quizerdes.

E se quizerdes fazer as folhas de ouro sobre cores, guarday esta ordem. Tomay a mesma clara & cõ ella con fertay o verde ou azul. O verde seja montanha, ou o que se faz de anil, & Ialde, & o azul, ou Aluayade & anil , ou de Orchilha, & depois de enxuto o burni muito bem: tornaylhe a dar logo com outra mão da clara de ouo, como fica dito, & tanto que estiuer enxuta lhe ponde o ouro & logo com o ferro quente ide laurandø, & sô ficará o ouro aonde o ferro imprimir, & alimpay com o algodam.

Pera dourar o vidro se ha de fazer o mordente liquido que corra pela paleta, & ha de ser de Ocre escuro para bom, ou dourado. E com elle lauray no vidro o que quizerdes, depois de resente para seco lhe acentay o ouro, & como o ouro pegar em todo o vidro com o mesmo algodão tocado no cuspinho alimpay, & ficará sò o ouro pegado no mordente.

Pera dourar hũa rodela, ou bandeija ao modo da China notay que se ha de aparelhar como disemos da outra madeira, & depois da imprimadura lhe dareis a cor que quizerdes a olio tambẽ, ou prera, ou vermelha, & c. Depois de muito bem enxuta que não pegue nella ouro debuxay com o mordente de que tratamos no dourar do vidro, & de pois que estiuer em cezão acentay o onro, & depois de dourado, & muito bem enxuto enuer nizay

nizay toda a rodela,ou taboleiro com vernis de espiques que he muito sequante, & depois pode se lauar cõ agoa quando estiuer tuja porque se não desflora nada.

Pera estofar hũa figura.

O estofo de figuras,ou de roupas,ou tudo o que quizerem estofar não se faz senão sobre ouro burnido, & guardase esta ordem. Primeiramente sobre o ouro que quereis estofar aueis de dar hũa mão,ou duas de Aluaya de concertado com gemade ouo, o qual se concerta así. Tomay a gema sem clara, & botaylhe hũa pōta de agoa, & depois bateya muito bem, & com esta composiçãõ aueis de consertar as cores como se fora cola, ou goma. Depois de dadas estas mãos de Aluaya de que fique a figura muito alua, ide então colorindo o damasco, ou tella, ou ramos, ou passarinhos, ou o que quizerdes, que então seruem aqui as cores da illuminação com esta composiçãõ da gema de ouo & seruem os realços todos, depois de tudo laurado ao pinzel, & enxuto ide então risquando, & abrindo a pintura com hum estilo do pao, ou de prata, ou hum ponteiro duro do que quizerdes, & ficareis descubrindo o ouro aonde vos parecer bem, & para se fazerem hũs alcachofres como tem o brocado fazey hum ferro como punção em que esteja aberro o modo que melhor vos parecer, & com elle pũçay. E quando o ouro não tomar bem a cor do Aluaya de primeira, misturaylhe hũa ponta de fel.

Pera fazer hum paynel com tres figuras, que hũa sò apareça â vista.

Pera se fazer hum paynel de tres figuras, que cada qual

Arte da Pintura.

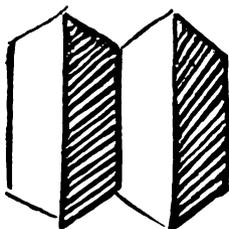
se veja por si, & não todas juntas, se fará assi. Fazey hũa grade do tamanho que quereis o paynel, & na regra do alto da cabeça, & na de baixo dos peis aueis de dar hũas cerraduras com hũa cerra delgada até quanto seja o cõprimimento de hũa vnha, & quanto tiuer de altura a cerra dura tanto ha de ter de largura de hũa a outra, & assi irão cerrando estas duas regras igualmente, depois de cerra das acentareis nas costas da grade hum paynel que já estará feito, nem mais nem menos, como se a grade fora feita lô para elle.

Depois tereis já dous payneis pintados do tamanho da grade, os quais fareis em tiras da largura das cerraduras, & grudareis estas tiras de hum paynel com as do outro paynel, por esta ordem, que a primeira deste se grudará com a derradeira do outro cõ as costas hũ para outro, & logo a segunda cõ a antepenultima, & logo as ide acentando começãdo na primeira cerradura da mão esquerda do paynel, & assi quando por esta ordem as fordes grudando & acentando quando puzerdes o paynel na parede, vereis a figura fronteira sem que vejais as outras, & depois quando vos puzerdes da ilharga esquerda vereis outro fomite, & da ilharga direita outra fomite. E se quizerdes fazer isto mais facilmente tomay hũas taboletas de faya donde fazem as bainhas de espadas, & estas ordenadas como paynel pintay nellas, & depois as viray hũa & hũa, & nas costas pintay a outra figura & depois as encaixilhay nas cerraduras como fica dito.

Pera fazer hum paynel do mesmo modo com duas figuras.

Tomay hũataboa-, & nella manday fazer o paynel do tamanho que quizerdes, & seja grossa para que nella
fo

se possaõ labrir huns canais que venh ão os alros a ser como as duas faces de triangulo direito , & quevão todos iguais tão largos huns como os outros, como se vê neste exemplo.



Tereis então já pintados os dous payneis , & cortalos eis tambem em tiras tão largas , como he hũa da banda doscanais, ou triangulos, & pot ordem ireis acentando a primeira tira de hum paynel na primeira face do triangulo, & logo no segundo a segunda, & assi as outras do primeiro paynel. Depois tomay as outras tiras do outro paynel, & ponde a derradeira nas costas do triangulo dõ de puz estes a outra primeira, & logo a penultima põdea nas costas do triangulo donde puzestes a segũda tira do primeiro paynel, & assi ide pondo as outras por esta mesma ordem, & ficareis enrão fazendo hum paynel que tenha duas figuras, hũa que se veja da ilharga esquerda, & a outra da ilharga direita.

Outra inuenção destas figuras.

Esta taboa assi feita em triangulos, como fica dito, se desta sorte quizerdes fazer hum paynel corioso , fareis que os triangulos fiquem atraueßados da mão esquerda para a direita, & assi lhe poreis as figuras , nem

Arte da Pintura.

mais, nẽ menos, como fica dito no paynel de duas figuras. Mas a figura de cima lhe poreis os peis para cima, & a cabeça para baixo, depois ponde hum espelho por cima ao modo de guarda pó, & pondo o retablo em lugar de altura boa de hum homem vereis hũa figura fronteira, & a outra figura ficar seà vendo no espelho. E se lhe puzerdes cortina quando tiuerdes cuberto o retablo tãbem nã vereis nada no espelho, & quando o descubrires entã vereys a do espelho, & a outra fronteira.

Outra inuenção destas figuras.

Daniel Barbaro ensina a fazer hũa figura, de modo q̃ vista a mesma figura de hũa ilhargã pareça outra cousa differente do que parece de frente. E dis assi na sua quinta parte cap. 1. & cap. 2. de sua perspectiua. Tomay hũa folha de papel na qual debuxareis duas cabeças humanas, ou o que quizerdes depois piquay estas figuras que debuxastes com hum alfinete grosso, que fiquem os buracos grandes, depois tomay a taboa aparelhada aonde quereis pintar as mesmas duas cabeças humanas a qual estará muito plana & polida, tomay depois o papel que está picado & pondeo sobre a cabeça da taboa que fique o papel justo com os cantos da taboa, como se ella fora hũa parede, & o papel que fosse taboa, que fique em esquadria perfeita, depois de terdes isto assi feito, endreitay a taboa com o fio ou talho ao sol segundo sua altura atẽ que passando os rayos pelos pontos picados do papel, que são como entreuistas se veja na taboa que os rayos do sol escreuem as ditas cabeças humanas, & assi como as risquas apparecerem assias debuxareis, as quaes serão largas & estreitas em forma, que pondouos a hũa parte da taboa não vos parecerão cabeças, mas hũas
linhas

linhas direitas, & outras tortas sem forma algũa, mas se vos puzerdes ao ponto donde vierão os rayos do sol, então vos apparecerão as cabeças así como estão debuxadas. Mas ha de suprir aqui a habilidade do Pintor perspectiuo, que depois conforme a estes liniamentos que apparecem fora do ponto ha de saber dissimular as linhas, & a testa ha de fazer que pareça hum rochedo, & do naris ha de fazer hum tronco, & da boca & barba ha de fazer as rayzes, & dos bigodes ha de fazer hũa fonte, ou o que melhor lhe parecer, mas guardando sempre as linhas principais, & dando as cores em as partes que vir que são necessarias para não desfazer o debuxo principal, & pode fazer rios, serras, longes, & pertos, em o mais câpo da taboa que fique vendose, não da ilharga donde leue a figura, senão da vista fronteira, & para isto não tem necessidade de vzar de papel picado, senão pintar á vontade pera dissimular a figura principal. E notese, que tambem os rayos da candeia podem seruir como seruem os do sol. O mesmo Autor na sua nona parte tras hum instrumento do modo de por as cousas em perspectiua que tomou de Alberto Dureiro, quem o quizer saber nestes dous. Autores o pode ver.

Exemplo do sobredito.

Arte da Pintura.

Modo facil para copiar hũa cidade , ou qual- quer cousa.

Pera com facilidade poderdes copiar hũa cidade fazey hum quadrado do tamanho que quereis copiar a cidade, & pondelhe hũa rede estirada de modo que fique as malhas todas direitas na sua porpoção. Depois no papel , ou taboa em que quereis copiar fazey a mesma rede derisquas com outras tantas malhas. Depois pondeos de paragem donde descubrais a cidade, & donde vos fique melhor, & ponde o olho em hum ponto para que não perquais a vista perfeita do perfil , & assi podeis facilmente copiar. porque a torre que fica em hũa malha da rede, buscay nas riscas a malha que lhe responde, & alli ponde a torre. E na outra malha aonde appareca aruore, pondea tambem na outra que lhe responde no papel, & assi pouco & pouco podeis copiar a cidade , ou o que quizerdes.

E se o que quereis copiar he cousa de pintura tambem se pode copiar fazendo hũa grade na pintura que respõda às ditas malhas. E outra no papel, ou paynel em que quereis copiar, & assi podeis ir pelas malhas copiando pouco & pouco.

Daniel Barbaro na sua nona parte cap. 5. ensina outro modo de copiar cidades, & tudo o mais que quizerem, & dis assi. Fazey hum buraco detras de hũa janella da banda de dentro, na porpoção , & distancia donde vos fica fronteira a cidade, ou o que quereis ver, & o buraco seja tamanho como he o vidro de hum oculo. E tomay hum oculo de velho que venha algum tanto de corpo no meyo , & não seja concauo como os oculos de mo-
ços

gos que tem a vista curta, & encaixay este vidro no buraco de uiminado, ferray depois toda a janella, & as portas da estancia donde quereis fazer isto, de modo que não tenhais mais luz, que aquella que vem do vidro.

Tomay depois hũa folha de papel, & pondea descõtra o vidro tanto apartado, que vejaes miudamente na folha de papel tudo aquillo que esta fora de casa, o que se faz em hũa detreminada distancia, mais diltintamente: o que achareis encostando, ou apartado a folha de papel do vidro atè q̃ acheis o sitio conueniente. E así vereis no papelas cousas que quereis na forma em que ellas estaõ, mas importa fazer isto em dia claro & com o so muito fermoso: & fazendo experiencia vereis que vidro melhor representa, & o que representar iteis perfilando estando firme o papel que se não perca o perfil.

Outro modo.

Pera copiar hũa cidade, ou o que quizerdes em breue espaço, tomay hum espelho, ou hũ vidro claro cristalino do tamanho que quizerdes, & pondeo em paragẽ dondo possais nelle bem ver o que quereis copiar, & então na representação que vos fizer ireis com o pincel lançando as linhas principais, & o perfil do que quereis copiar, & seja com algũa tinta de olio. Depois que dentro no espelho, ou vidro tiuerdes escrito & perfilado tudo, tomay outro tamanho papel limpo, & pondeo sobre os perfis que estão já no espelho, ou vidro para que o papel os receba em si Depois de enxutos no papel o podeis picar muito meudo, & depois esterzilo às direitas, porque no espelho fica as auessas, & pelos perfis certos podeis ir colorindo do mesmo modo que as cousas vos apparecem, a muralha, a torre, as casas, &c.

Outro

Arte da Pintura.

Outro modo de copiar.

Pera fazer hum retrato do tamanho do viuo se ha de guardar esta ordem para que depois se possa fazer bem ao viuo, & Iconico. Tomay hum vidro do tamanho do rosto que quereis retratar, & pondelho no rosto que tome todo o perfil que melhor vos parecer perfilay, & o perfil serà com tinta de olio afsi como difemos afsima. Depois tomay hũa folha de papel, & pondea sobre os perfis que já estão no vidro para que os receba, & depois o picay muito bẽ, & por elle afsi picado podeis esterzir, & ficara às direitas, porque o perfil tambem foy às direitas. Depois podeis ir colorindo tendo diante a pessoa que retratais, porque como o perfil està ao certo, muito facil serà a quem sabe, depois imitar o viuo.

Pera fazer vernis.

Pera se fazer vernis que vzão os officiaes de gadamexins, se faz nesta forma. Tomay a graxa que quizerdes, & olio de linhaça igual parte, & ponde a feruer afsi a graxa como o olio cada hũ em seu pucaro, & para saber quando estão em cezão, a graxa se menearà com hum pao, & como não tiuer grã que desfazer, então està já em cezão: & o olio para se saber quando està feruido mete ilhe hũa pena dentro, & se estalar já està cozido. Depois misturay hũa coufa com a outra afsi em quente, & quando o quizerdes vzar aquentayo ao sol, ou ao fogo, & stêdey muito bem achareis que tem lustro bastante, & he se quente, mas no branco se não dè, porque não faz obia boa, mas nas mais cores si.

Outro

Outro modo.

Outro modo de fazer vernis he para madeira, & se faz assi. Tomay duas partes de almecega, & tromentina de beta hũa parte, fezes douro as que quizerdes, hum ou dous dentes de alho, & de olio quatro partes, feruase o olio, & logo na feruura se lança a almecega, & logo as outras cousas, & se quereis que seja cheiroso, botaylhe o cheiro que quizerdes, & pondeo a curar ao sol. E quando o quizerdes vzar seja quente, & estendey bem.

Pera fazer betume de imbutir que pareça marchetado.

Para fazer betume para imbutir, se fará deste modo. Tomay Lacre pizado, & pez, ou resina, & feruido tudo, mas não muito feruido, porque se faz leuado, deitaylhe a cor que quizerdes moyda muito bem, & depois botay este betume assi quente nos debuxos que tiuerdes laturados, & depois de seco lauray com a garlopa, & ficará muito bem imbutido que pareça marchetado.

Pera fazer tinta preta para pergaminho.

Pera hũa canada de vinho branco, & se for vinho branco verde, tanto melhor, lançay quatro onças de galhas partidas, & estejam de molho dez ou doze dias, mexêdoas duas ou tres vezes cada dia, & depois destes dias coay este vinho & pondeo ao lume até que queira começar a feruer, & entã o tiray fora do lume, & lhe lançay tres
Q onças

Arte da Pintura.

onças de caparrosa, mexendo por espaço de quatro credos, & isto feito estarão prestes tres onças de goma liquida como termentina, que tereis já feita em agoa, & bota a no vinho a meixey outro tanto. Depois deixay isto assi dous ou tres dias mexendo cada dia duas ou tres vezes, depois coay esta tinta & vray della, ferue tambem para pergaminho.

Outro modo.

Pera hũa canada de tinta, tomay sinco onças de galhas & quatro de caparrosa, & tres onças de goma & quatro quartilhos de vinho branco, o qual se repartirá pelos materiaes, que cada hum por si se fará em hũas porfolanas quebrando primeiro os materiais : estejaõ assi quatro ou sinco dias, mexendoos cada dia. Despois deste tempo, tomay as galhas, & feruaõ em duas ou tres feruuras, & depois de coadas por hum pano estãdo assi quente lhe lançay a goma, & caparrosa, & esteja quatro dias assi, mexendose cada dia duas vezes, depois tornay a coar & esteja dous dias até que se acente, & logo se pode vzar.

Outro modo para pergaminho.

Perà hũa canada de tinta tomarão tres quartilhos de agoa doce, & hum quartilho de vinagre em hũa panella noua, & deitarlheão dentro quatro onças de galhas, & quatro onças de caparrosa, & quatro de goma Arabica, as galhas serão machucadas, & a caparrosa será moyda, & tudo isto junto estara de molho dez ou doze dias, & cada dia o meixerão, & depois deste tempo, porãõ a panella

nella ao fogo a feruer hum bom pedaço, & depois se ponna a esfriar, & coada por hum pano de linho, logo se pode escreuer com ella, & he a melhor para pergaminho.

Outro modo.

Tomarão feis onças de galhas de Frândes, & quatro de caparrofa, & tres onças de goma Arabica, & hũa canada de agoa de cisterna, & poraõ esta agoa com as galhas machucadas ao sol mexendoas com hum pao de figueira, & dahi a dous dias lhe botaraõ a caparrofa, & acabados outros dous dias lhe botaraõ a goma, & depois se poraõ ao fogo que de hũa feruura, & depois coarçea por hum pano de linho, & vzeffe.

Outro modo, & mais comum.

Tomarão para hũa canada de tinta preta, hũa canada de agoa de cisterna, ou de chuua, & quatro onças de galhas miudas & crespas, & estaraõ de molho dez ou doze dias com as partirem primeiro em tres ou quatro partes, & meixelas cada dia, & acabado este tempo lhe botaraõ dentro na panella, que sera vidrada tres onças de caparrofa moyda, & estaraõ así cõ as galbas dous dias, depois destes dias tomay tres onças de goma Arabica bem pizada, ou liquida como mel, & estaraõ así outros dous dias, & acabado este tempo poraõ a panella ao fogo & feruera duas feruuras, & depois a coaraõ por hum pano, & logo se pode vzar. E se quizerem que seja mais preta botenlhe menos agoa de cisterna do que digo no principio.

Arte da Pintura.

Tinta pera pergaminho.

Tomaraõ de vinho branco sobre o verde mea cana-
da & tres onças de galhas, & duas de caparofa, & duas
de goma, & farão como qualquer das outras tintas, aduir
to, que no cozimento se lhe podem botar folhas de lou
ro, ou cascas de romam, ou de nogueira, & pedra hume,
depois muito bom tapada se porã ao sereno por alguns
dias, & vzarfeã.

E M L I S B O A.

Com as licenças necessarias, & priuilegio,
Por Pedro Crasbeeck.

ANNO 1615.

F I M.



<http://biblioteca.ciarte.pt>